

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICAS

JEYLLA SALOMÉ BARBOSA DOS SANTOS

AS REALIZAÇÕES DE /R/ EM CODA SILÁBICA NA COMUNIDADE DE PORTO
DA RUA, LITORAL NORTE DE ALAGOAS. ANÁLISE LINGUÍSTICA E
SOCIOLINGUÍSTICA.

Maceió- AL

2010

JEYLLA SALOMÉ BARBOSA DOS SANTOS

AS REALIZAÇÕES DE /R/ EM CODA SILÁBICA NA COMUNIDADE DE PORTO
DA RUA, LITORAL NORTE DE ALAGOAS. ANÁLISE LINGUÍSTICA E
SOCIOLINGUÍSTICA.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, sob orientação da Prof^a. Dra. Januacele Francisca da Costa.

Maceió

2010

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto

- S237r Santos, Jeylla Salomé Barbosa dos.
As realizações de /R/ em coda silábica na comunidade de Porto da Rua,
litoral norte de Alagoas : análise lingüística e sociolingüística / Jeylla Barbosa ,
dos Santos, 2010.
87 f. : Il., graf., tabs.
- Orientador: Januacele Francisca da Costa
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Estudos Literários) ó
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-
Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2010.
- Bibliografia: f. 75-77.
1. Fonética acústica. 2. Fonética articulatória. 3. Róticos (Fonética).
4. Linguística - Porto da Rua (São Miguel dos Milagres) ó Alagoas. I. Título

CDU: 801.4

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGL
---	--	---

TERMO DE APROVAÇÃO

JEYLLA SALOMÉ BARBOSA DOS SANTOS

Título do trabalho: "AS REALIZAÇÕES DE /R/ EM CODA SILÁBICA NA COMUNIDADE DE PORTO DA RUA, LITORAL NORTE DE ALAGOAS. ANÁLISE LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA"

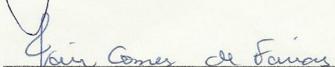
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

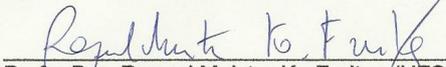


Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa (orientadora)(PPGL/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dr. Jair Gomes de Farias (PPGL/UFAL)



Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS)

Maceió, 2 de agosto de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a execução deste trabalho.

De modo especial, agradeço

a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade;

a minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos dessa jornada, principalmente a minha mãe e a meu pai, a quem devo o que sou e o que tenho;

a minha orientadora Prof^a. Januacele da Costa, por todos os ensinamentos ministrados desde a graduação, pelo incentivo e por ser, acima de tudo, amiga. A ela, toda minha gratidão, pela confiança em mim depositada e pelo crescimento proporcionado nesses anos de convivência;

aos professores: César Reis, Thaís Cristófaró Silva e Jânia Ramos, por terem me acolhido durante um semestre na Universidade Federal de Minas Gerais e por terem me ensinado o que eu precisava para dar continuidade a esse trabalho;

aos orientandos de Thais Cristófaró pelos momentos de estudos no laboratório, em especial Jana, Gustavo, Nívia, Victor, Mário e Marcos;

aos colegas de pós-graduação: Fernando, Solyane, Renata, Elyne, Manu, Adeilson, Marcelo, Rafael e Selma, pela convivência agradável e pelas opiniões enriquecedoras a esta pesquisa. Em especial a Fábía que, mesmo sem ser ainda da pós, (agora, ela é) esteve comigo durante todos os estudos e me ajudou nas análises dos dados e nas leituras dos textos em inglês;

a Fabricio, pelo apoio em todas as horas, principalmente quando nos separamos por um semestre para eu estudar fora, pois, mesmo distante, esteve me apoiando;

a Herbert pelas dicas para este trabalho;

à FAPEAL, pelo apoio financeiro.

RESUMO

À luz da Teoria da Variação e Mudança e da Fonologia gerativa, pretendeu-se, neste estudo, investigar a realização de um segmento /R/ na comunidade de Porto da Rua (litoral norte de Alagoas). Determinamos o ambiente fonético em que essa realização ocorre e verificamos a influência de fatores extralinguísticos. O corpus para a pesquisa constituiu-se de dados de fala, gravados em áudio, de textos espontâneos produzidos por 48 informantes, homens e mulheres nascidos (e que viveram sempre) na comunidade. A categorização dos dados e a análise estatística foram feitas com a utilização do pacote VARBRUL. Os dados foram codificados de acordo com grupos de fatores (GF) linguísticos e sociais. Objetivou-se, dessa forma, estudar a correlação entre fenômenos linguísticos e variáveis externas estratificadas (sexo, faixa etária e escolarização). Os resultados indicaram que a variante em estudo pode estar passando por um processo de mudança linguística, uma vez que os responsáveis pela sua realização são os informantes não escolarizados e a faixa etária com mais de 50 anos.

PALAVRAS - CHAVE: Róticos; Variação linguística; Fonética acústica; Fonética articulatória;

ABSTRACT

In the light of the Theory of Variation and Change and Generative Phonology, in this study, aims to investigate the performance of a segment /R/ in the community of Porto da Rua (in the northern coast of Alagoas). The phonetic environment in which this realization occurs was determined, as well as the influence of extralinguistic factors analysed. The corpus for this research consisted of 48 informants among men and women born in the community. The categorization of data and statistical analysis were done using the package VARBRUL. Data were coded according to linguistic and social groups of factors (GF). The results indicated that the variant under study may be undergoing a process of linguistic change, since those responsible for spreading the informants are not in school and age over 50 years. Data collection was done through recordings with spontaneous narratives. The objective is thus to study the correlation between linguistic phenomena and stratified external variables (gender, age and education).

KEY WORDS: Rhotic; Linguistic variation; Acoustic phonetics; Articulatory phonetics;

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 1: Rua Aderbal da Costa Raposo, próximo ao centro e Praça de Santo Antônio, no centro.....	15
Figura 2: Localização geográfica de Porto da Rua.....	16
Figura 3: Praia de Porto da Rua.....	17
Figura 4: Cruzeiro do Bom Jesus dos Navegantes.....	19
Figura 5: Espectrograma, retirado do Praat, da aproximante realizada na palavra “cortar”.....	26
Figura 6: Espectrograma, retirado do Praat, da fricativa glotal surda realizada na palavra ‘verdadeiramente’	27

QUADROS

Quadro 1: Realizações fonéticas dos róticos no Português brasileiro, baseado em Cristóvão Silva (2008).....	22
Quadro 2: características da aproximante retroflexa - [ɻ]	23
Quadro 3: características da fricativa glotal surda - [h].....	23
Quadro 4: características da aproximante pós-alveolar.....	24
Quadro 5: Estratificação dos informantes.....	49

TABELAS

Tabela 1: Distribuição das variantes conforme a classe da consoante seguinte e quando em coda final.....	61
Tabela 2: Distribuição das variantes conforme a variável sexo.....	63
Tabela 3: Distribuição das variantes conforme a escolaridade.....	65
Tabela 4: Distribuição das variantes conforme a faixa etária.....	68
Tabela 5: Cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade.....	69
Tabela 6: cruzamento das variáveis escolaridade e sexo.....	70
Tabela 7: cruzamento das variáveis sexo e faixa etária.....	70

GRÁFICOS

Gráfico 1: Contexto seguinte e coda final.....	62
Gráfico 2: Variável sexo.....	64
Gráfico 3: Variável escolaridade.....	66
Gráfico 4: Variável faixa etária.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O OBJETO DE ESTUDO	9
HIPÓTESES E OBJETIVOS NORTEADORES	10
OBSERVAÇÕES NÃO QUANTITATIVAS	11
O UNIVERSO DA PESQUISA: PORTO DA RUA.....	14
ESTRUTURA DO TRABALHO	20
CAPÍTULO I	21
UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE OS RÓTICOS	21
1.1 DESCRIÇÃO FONÉTICA DE RÓTICOS.....	21
1.2.1 <i>Analisando as variantes estudadas em termos de traços</i>	22
1.2.2 <i>Característica acústica dos róticos</i>	24
1.2.3 <i>Descrição fonológica dos róticos no Português do Brasil</i>	27
1.2.4 <i>Breve notícia de trabalhos já realizados sobre os róticos no Português do Brasil</i>	29
CAPÍTULO II	32
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	32
2.1 LÍNGUA E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO ÓBVIA	35
2.2 A COMUNIDADE DE FALA	37
2.3 HETEROGENEIDADE SISTEMÁTICA	39
2.4 VARIAÇÃO E MUDANÇA: VARIAÇÃO ESTÁVEL OU MUDANÇA EM PROGRESSO?	40
CAPÍTULO III	45
PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS E A METODOLOGIA DA PESQUISA	45
3.1 TRATAMENTO DOS DADOS: VARBRUL	46
3.2 A SELEÇÃO DOS INFORMANTES.....	48
3.3 A VARIÁVEL DEPENDENTE.....	50
3.4 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	51
3.4.1 <i>Sexo</i>	53
3.4.2 <i>Faixa etária</i>	54
3.4.3 <i>Escolaridade</i>	55
3.5 O <i>CORPUS</i> E A COLETA DOS DADOS	56
3.6 CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO DOS DADOS.....	58
CAPÍTULO IV	60
ESTRATIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA E SOCIAL DE /R/ NA COMUNIDADE LINGÜÍSTICA DE PORTO DA RUA	60
4.1 ENCAIXAMENTO LINGÜÍSTICO	61
4.2 ENCAIXAMENTO EXTRALINGÜÍSTICO	63
4.2.1 <i>A variável sexo</i>	63
4.2.2 <i>A variável escolaridade</i>	65

4.2.3 A variável faixa etária.....	67
4.3 COMPARAÇÃO COM OUTROS ESTUDOS	71
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS.....	75
ANEXOS.....	78

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo

O objeto de estudo desta pesquisa é uma descrição linguística e sociolinguística da realização da variável /R/ em posição final de sílaba, final de palavra (como em “mar”) e quando em final de sílaba em meio de palavra (como em “porta”) na variedade de Português falado em Porto da Rua, litoral norte de Alagoas. O estudo compreendido neste trabalho insere-se no arcabouço teórico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, com o principal objetivo de analisar estatisticamente as realizações de /R/, apresentando uma descrição do conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciam a realização do fenômeno, e também objetiva verificar se há indício de uma mudança em curso ou se estamos diante de um caso de variação estável.

Tanto no português do Brasil como em muitas outras línguas, os róticos formam um conjunto de sons bem diversos. No Português do Brasil (PB), há diferentes realizações fonéticas. Reinecke (2006) relata que nos estudos do PB predominam duas preocupações principais concernentes ao fenômeno dos róticos. A primeira diz respeito à sua classificação fonológica, e a segunda está voltada para o mapeamento sociolinguístico ou dialetal das suas variantes fonéticas.

Inúmeros são os estudos realizados sobre o *status* fonológico da sílaba e muitos deles com o intuito de avaliar segmentos que ocupam as posições que a constituem. Uma das posições que tem despertado a atenção de estudiosos, sob diferentes perspectivas teóricas, é a posição de coda, preenchida, na maioria das vezes, por elementos consonânticos. (HORA; MONARETTO, 2003, p. 114). Para esses autores, o desenvolvimento de consoantes em posição de coda da sílaba no interior de palavra tem sido, consideravelmente, mais complexo do que aquele de segmentos nesta mesma posição em final de palavra, principalmente se

considerarmos a importante influência exercida pelos segmentos que ocupam a posição de onset da sílaba seguinte, mais fortes contextualmente. Estudos revelam que a coda da sílaba é reconhecida como uma posição fraca para consoantes, em comparação com a posição de onset. Entre os segmentos que podem figurar nessa posição estão os róticos. É sobre uma de suas diferentes realizações que nos propomos a estudar: a realização de /R/ em coda silábica.

Hipóteses e objetivos norteadores

Devido à situação e tratamento do fenômeno estudado, consideramos que com uma análise aprofundada através das interrogações abaixo possamos avançar e descobrir importantes aspectos a respeito dos róticos e, mais especificamente, a respeito da realização foco da investigação.

2.1 Quais fatores linguísticos estariam condicionando a realização da variante estudada?

A variante ocorre em posição de coda, medial ou final, e sua ocorrência parece depender da natureza da consoante seguinte. O ambiente observado, então, pode ser formulado como V_ \$¹.

2.2 Quais fatores extralinguísticos estariam condicionando a realização da variante estudada?

A observação não sistemática da comunidade permitiu-nos selecionar as variáveis sexo, idade e escolarização como fatores que estariam condicionando a variação.

2.3 A avaliação e a atitude do falante determinam a variação?

Esta hipótese surgiu quando da coleta de dados, ao percebermos que alguns falantes realizam a variante local marcada [ɾ] e em seguida a padrão [h], em uma mesma narrativa, de forma espontânea. A princípio, acreditávamos que quem realizasse a variante local marcada não realizaria a padrão, mas essa hipótese, ainda que observada assistematicamente, não se

¹ V — \$ pode ser lido como: entre vogal e fronteira de sílaba, ou seja, em coda silábica.

confirmou. No âmbito deste estudo, contudo, não ousamos enfrentar este problema e o deixamos de lado para ser tratado em outro empreendimento de pesquisa.

Observações não quantitativas

As observações não quantitativas sobre os fatos observados seguirão os pressupostos da teoria gerativa. Faremos, também, uma descrição fonética, dos sons envolvidos no processo observado, dos pontos de vista acústico e articulatorio. Fonética é a ciência da linguagem que lida com os sons da fala. A fonética acústica é uma parte geral da ciência da fala ou fonética experimental, que inclui também a fonética articulatória. A fonética articulatória descreve como o sistema nervoso, os músculos e outros órgãos operam na fala. A fonética acústica descreve o som da fala em si e como eles são formados acusticamente. (PICKETT, 1998).

Segundo Silva (1999), a proposta de análise da gerativa assume a noção de processos transformacionais. Considerando essa proposta, acreditamos que o segmento em estudo, o /R/ em coda, assimila o traço [+coronal] da consoante seguinte e a consoante seguinte também assimila traços, não sabemos qual, do /R/ em estudo, uma vez que há uma possível palatalização de [t e d].

Traços coronais são considerados traços de cavidade porque são os sons produzidos com a lâmina da língua elevada acima da posição neutra. Os sons que têm o traço [+coronal] são: dentais, alveolares, palato-alveolares e palatais. Como dissemos, acreditamos que as oclusivas com traços [+coronal], no nosso caso, /t/ e /d/, influenciam nosso fenômeno e buscamos testar essa hipótese analisando os dados quantitativamente.

Segundo Bisol (2005), uma teoria da linguagem tem de dispor de instrumentos formais que sejam capazes de mostrar, com precisão e clareza, o funcionamento das línguas, de formular generalizações verdadeiras e significativas e de oferecer meios de distingui-las de generalizações falsas. A autora observa aqui a importância dos traços distintivos, uma unidade

de descrição e análise da fonologia das línguas que tem servido como instrumento formal para demonstrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos. Ainda para Bisol (2005), os traços distintivos formalizam as regras e comprovam a sua naturalidade.

Trazendo essa abordagem para nossa pesquisa, observando os traços dos segmentos em estudo, podemos formular regras que melhor explicam os fatos. Como exemplo, temos a regra de palatalização, observada em muitos dialetos do português. Sem a segmentação dos sons em traços distintivos, a regra pode ter a seguinte formulação:

$$\begin{bmatrix} t \\ d \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} tʃ \\ dʒ \end{bmatrix} / _ [i]$$

Regra 1 Palatalização de [t] e [d]

Para a gerativa, regras fonológicas geram novas estruturas por meio de transformações.

Para a teoria linguística, é importante o estudo dos fenômenos da língua. Sendo a língua um objeto heterogêneo e multifacetado, é importante que se registre, se estude e se busque explicar os fatos observados na fala dos indivíduos que utilizam a língua. Do ponto de vista da Fonética e da Fonologia, a descrição e análise de qualquer fenômeno verificado tornam-se valiosas. No caso do som que enfocamos, há um ponto muito importante a ser observado, que é o fato de ele poder ser considerado um som novo, quer dizer, um som ainda não registrado pela literatura da área. Na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, o estudo do encaixamento social da variável e a sua história externa podem trazer luz sobre a história do povo e ajudar-nos a fazer previsões sobre o futuro da língua.

Face ao exposto, objetivamos analisar as realizações do /R/ pós-vocálico. No ambiente que isolamos para nossa pesquisa, ocorre uma realização diferente de todas as pronúncias já registradas para o português, realização esta que pode vir ou não a pertencer à família dos róticos, motivo por que decidimos também efetuar uma análise fonética do som.

Segundo Tarallo (1990), as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão *versus* não-padrão; conservadoras *versus* inovadoras; de prestígio *versus* estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio sociolinguístico na comunidade. Com relação à variação entre [s] e [ø], respectivamente marcação de plural e ausência de marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [ø], por outro lado, é não padrão, inovadora, estigmatizada.

Em nossa pesquisa sobre o português falado em Porto da Rua, observamos as maneiras distintas de se pronunciar o segmento /R/ em coda silábica. Observamos a realização da fricativa glotal surda [h] e o uso da variante foco [ɹ], como dissemos anteriormente. Para isso, selecionamos como variável linguística o ambiente seguinte, mais exatamente o tipo de consoante na sílaba seguinte. Decidimos utilizar o símbolo utilizado pelo International Phonetic Alphabet (doravante, IPA, as fontes utilizadas podem ser obtidas gratuitamente pela internet no seguinte endereço: <http://www.sil.org/computing/fonts/Lang/silfonts.html>) para representar a aproximante retroflexa [ɹ] quando nos referíssemos à variante foco do nosso estudo, de modo a podermos distinguir o som em questão da variante comumente mencionada como “erre caipira” [r], que é um tepe retroflexo, também de acordo com o IPA.

A comunidade em que realizamos o estudo pronuncia a consoante de um modo muito diferente do que temos ouvido constantemente para outras variedades de rótico no Português do Brasil. Outra realização do segmento estudado é a consoante [h], que é uma fricativa glotal surda e que é, também, a variante local de prestígio. Uma terceira realização do segmento estudado é o apagamento [ø], dependendo da consoante seguinte e, na maioria dos casos, em posição de coda em final de palavra. Acreditamos que o apagamento nessa posição seja categórico o que fez com que não o incluíssemos na nossa análise.

Neste estudo, foram analisados dados de fala de quarenta e oito informantes dos sexos masculino e feminino, estratificados ainda pelas variáveis faixa etária e escolaridade. Foram realizadas gravações da fala, a maioria delas narrativas, porém, em alguns casos, foram aplicados questionários indutivos. Não determinamos tempo para essas gravações, visto que o nosso maior interesse estava no “como” os informantes se expressavam. Vale salientar, contudo, que a maioria das gravações obteve um tempo bem considerável para análise, variando entre 10 e 15 minutos cada.

Sendo assim, a realização do /R/ em final de sílaba, parece constituir-se em um fenômeno relevante para a Sociolinguística, pois apresenta uma gama muito diversificada de variantes que são atribuídas a condicionamentos ora linguísticos, ora não linguísticos.

O universo da pesquisa: Porto da Rua

A cada narrativa dos senhores e senhoras promovidos a informantes, conseguimos juntar um pouco de uma história que só existe para quem a viveu e para quem dela se interessou em conhecer oralmente. Sentar e ouvir este povo contando como era Porto da Rua e como é hoje, como evoluiu, quem a fez evoluir, como se tornou um ponto turístico do Litoral Norte de Alagoas foi de suma importância e uma aula sem comparação. Foi com as narrativas que conhecemos e pudemos organizar a história deste povoado.

Em qualquer pesquisa, a execução fica mais fácil a partir do momento em que sabemos em que comunidade esta será desenvolvida. É fato que é complicado se trabalhar numa comunidade demasiadamente grande. A comunidade que escolhemos encaixou-se perfeitamente com nossos interesses. Além de nela ser realizada toda a coleta e investigações necessárias para o estudo, pudemos também resgatar, através das entrevistas, um pouco de sua história, uma vez que a mesma não é registrada em livros.



Figura 1: Rua Adalberto da Costa Raposo, próximo ao centro e Praça Santo Antônio, no centro.

Porto da Rua é um povoado pertencente a uma das cidades mais antigas de Alagoas, São Miguel dos Milagres. Este município, localizado na Mesorregião do Leste Alagoano, faz parte da Microrregião do Litoral Norte. Limita-se ao norte com o município de Porto de Pedras, ao sul e leste com o oceano atlântico e ao oeste com o município de Passo de Camaragibe.



Figura 2: localização geográfica de Porto da Rua

Figura retirada do site www.genealogiaalagoana.com

O município possui uma área de 65 Km², distando 85 Km da capital e suas principais vias de acesso são as rodovias AL-101 Norte e a AL-435. São Miguel dos Milagres era um vilarejo no litoral norte alagoano e só foi declarado município oficialmente em 1960. A população dessa cidade formou-se com a permanência de muitos fugitivos de Porto Calvo, cidade alagoana que também foi invadida pelos holandeses. Esses fugitivos chegaram à procura de abrigo e de um local de onde pudessem observar o movimento dos invasores, que utilizavam o rio Manguaba para chegar ao interior. De acordo com o CENSO 2007, o município tem uma população de 7.108 habitantes.

O modo de sobrevivência dessa comunidade era o mais simples possível, viviam basicamente da pesca. As expressões culturais desse povo foram se misturando com as de outros pescadores que vinham em busca do alimento: o peixe. A Praia de Porto da Rua é o atrativo da cidade, e o povoado em si foi atrativo para a nossa pesquisa por termos detectado aí uma grande ocorrência do fenômeno investigado.



Figura 3: praia de Porto da Rua

Este povoado ou vilarejo, como muitos chamavam, visto que o que existia na época, século XIX, era apenas uma rua à beira da praia, constituída na maioria por pescadores, conhecida como “vila de pescadores”. A pesca era uma, ou talvez a principal, fonte de renda deste período para este povo. Um dos informantes masculino, que durante toda sua vida foi pescador, relata como era a pesca naquele tempo: - “o que eu sinto da pesca, é que a pesca hoje tá mais evoluída do que antes, né? Mas antes, eu acho que a gente pegava mais peixe.” Havia outras rendas, como o coco e o açúcar, este último tendo chegado bem depois, como veremos adiante.

A população reconhece que o tempo passou, o processo de urbanização aconteceu de forma muito lenta, uma casinha aqui, outra ali, até chegar ao que é hoje. Em quase todos os povoados deste litoral, havia um porto e Porto da Rua era um desses povoados com porto. Este porto serviu tanto para o sustento de quem dele dependia, para o desenvolvimento, como também para dar nome ao local. Contam que quando alguém queria ir até o local dizia: vamos ao Porto da Rua. Havia apenas uma rua e esta foi associada ao porto, surgindo, assim, mais um

povoado de Alagoas, pertencente ao município de São Miguel dos Milagres. Vimos que nessa época a maior parte da população era de pescadores e que nos povoados vizinhos também havia um porto e, com certeza, pescadores, mas a maior concentração de pescadores estava em Porto da Rua. Contam os mais velhos e principalmente pescadores, que lá havia mais peixe. A população era e foi constituída por este povo. As embarcações, claro, se havia porto havia embarcações, facilitaram muito o tráfego de outros pescadores que iam e vinham, alguns se fixaram, outros não. Todo esse trajeto era feito nos rios Camaragibe e Manguaba. Havia pessoas que não dependiam da pesca, mas essas eram poucas.

O tempo passou, Porto da Rua cresceu tanto em extensão territorial comparado àquela época, século XIX, como também se desenvolveu economicamente. O porto já não existe mais. A população já não depende tão somente da pesca. Existem outros meios de vida, a nova geração tem caminhos diferentes a seguir e, com isso, a linguagem também tende a se modificar. Esses indícios fazem com que a variante foco não seja utilizada pelos jovens e adolescentes com a mesma frequência que é pelos mais velhos.

O município vem sendo contagiado pela onda turística que ocorre no Litoral Norte de Alagoas. Fica às margens da AL-435, conhecida como Rota Ecológica, estrada que liga Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras, atravessa o rio Manguaba e se estende até Japaratinga e Maragogi. A costa municipal, com belas paisagens tropicais de praias pouco habitadas, começa a ser ocupada por hotéis e pousadas. A existência desses empreendimentos explica a recente entrada de São Miguel dos Milagres na associação de hotéis de Maragogi e Japaratinga. A inexistência de infra-estrutura é evidente. O comércio é pequeno e as atividades agrícolas estão centradas na produção de coco, cana-de-açúcar e complementada pelas culturas de subsistência (feijão, milho, mandioca e banana). A pesca artesanal é uma atividade importante, com destaque para a produção de agulha, cavala, dourado, lagosta, sardinha, tainha, vermelho e xaréu. O potencial do município está voltado para a exploração de

seus recursos mais importantes: a industrialização de produtos da agricultura e da pesca e o aproveitamento do turismo que impulsiona o artesanato e a rede de serviço.

Hoje, Porto da Rua tem sua economia baseada na pesca, no coco e na cana-de-açúcar. No emprego formal, está em primeiro lugar a prefeitura municipal, vindo em seguida os empregos oferecidos pelas pousadas e por um hotel de grande porte. Outra fonte de renda é o transporte alternativo, que é informal.



Figura 4: Cruzeiro do Bom Jesus dos Navegantes

A comunidade de Porto da Rua foi considerada uma comunidade de fala porque existe nela compartilhamento de normas relacionadas à língua. Porque nela existe de um lado o impulso à variação e possivelmente à mudança. No nosso caso, a possibilidade da variante analisada estar passando por um processo de mudança. De outro, o impulso à convergência. Em porto da Rua, há grupos de pessoas com características afins, entre elas traços e atitudes linguísticas. Para o linguista, os limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais e não, simplesmente, diferenças na frequência de uso de determinada variável.

A cidade São Miguel dos Milagres parece um segredo. Praias lindas, desertas e cobertas de coqueiros, é o endereço de pousadas charmosas, num cenário de exclusividade propício para quem quiser. A falta de núcleos urbanos mais desenvolvidos fomentou a formação de um circuito gastronômico dentro dos próprios hotéis, excelente atração para os visitantes.

Estrutura do Trabalho

O trabalho está organizado em quatro capítulos. O capítulo 1 apresenta uma breve discussão sobre os róticos, faz um breve percurso histórico dos róticos no português do Brasil, faz uma descrição fonética e fonológica dos róticos e apresenta alguns trabalhos já realizados sobre os róticos no Português do Brasil.

O capítulo 2 apresenta o modelo sociolinguístico adotado, uma vez que este trabalho está baseado em seus pressupostos teóricos e metodológicos. Trata da relação que existe entre língua e sociedade, apresenta diferentes posições em relação ao conceito de comunidade de fala. Discorre também sobre a sistematicidade da heterogeneidade linguística e, por fim, conceitua a variação e a mudança linguística, analisando a variação estável e a variação em progresso.

O capítulo 3 trata dos princípios metodológicos que orientam a pesquisa variacionista. Apresenta a descrição detalhada da coleta dos dados, organização da amostra, variável dependente e variáveis independentes, hipóteses de trabalho e também faz a descrição da análise quantitativa do fenômeno linguístico em estudo.

O capítulo 4 apresenta e discute os resultados quantitativos obtidos no presente estudo, apresentando o encaixamento linguístico e sociolinguístico das variantes.

Traçamos as nossas considerações finais e concluímos o nosso trabalho.

CAPÍTULO I

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE OS RÓTICOS

Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36).

Neste capítulo, tratamos das duas classes de sons envolvidas no estudo: os róticos e as consoantes oclusivas e fricativas. Faremos um leve percurso das variações dos róticos no Português do Brasil, mostrando também suas descrições fonética e fonológica e encerramos o capítulo apresentamos uma breve notícia de trabalhos já realizados sobre os róticos no Português do Brasil.

1.1 Descrição fonética de róticos

A classe dos róticos tem despertado o interesse de muitos foneticistas e fonólogos (DALSTON, 1975; LINDAU, 1985; LADEFOGED; MADDIESON, 1996; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 1997; RECASENS; PALLARÈS, 1999; VIDOR, 2001; SILVA, 1996, 2002; SOLÉ, 2002; WHITLEY, 2003; MEZZOMO; RIBAS, 2004). Muito provavelmente, o interesse pelo estudo dessa classe de sons se deve ao fato de ser uma classe em que ocorre muita variação, tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Os róticos são também referidos informalmente como “r-sounds”. Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que essas nomenclaturas são baseadas no fato que todos esses sons tendem a ser escritos com a letra ‘r’, mesmo porque não existe uma propriedade física que constitua a essência de todos os róticos, como é o caso de outras classes de sons – fricativas, plosivas, nasais – que são nomeadas e agrupadas a partir de uma característica articulatória e/ou acústica em comum entre seus membros. Para Lindau (1985), cada membro da classe dos

róticos remete a algum outro no que diz respeito a alguma propriedade física, mas não é a mesma propriedade que constitui o elo entre todos os membros dessa classe.

Neste estudo, como já dissemos, investigamos, também, as características fonéticas da variante em estudo com o objetivo principal de determinar se ela pertence ou não à classe dos róticos do Português brasileiro ou pelo menos mostrar que ela é diferente articulatoriamente e acusticamente dos demais róticos.

No português do Brasil, segundo Silva (1999), os róticos em posição de coda silábica são condicionados pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos. No PB, /R/ pode ser realizado, em posição de coda, como [x, ʁ, h, fi, r,ɹ, r, ʁ, χ, ʀ]. Já na comunidade que investigamos o /R/ em coda pode ser realizado como [h].

	Dental	Alveolar	Retroflexa	Velar	Uvular	Glotal
Fricativa desv voz				x ʁ	χ ʁ	h fi
Tepe		r				
Vibrante		r				
Aproximante		ɹ	ʀ			

Quadro 1: Realizações fonéticas dos róticos no Português brasileiro, baseado em Cristóvão Silva (2008)

1.2.1 Analisando as variantes estudadas em termos de traços

Traços distintivos são propriedades mínimas, de caráter acústico ou articatório, como “nasalidade”, “sonoridade”, “labialidade”, “coronalidade”, que, de forma coerente, constituem os sons das línguas. (BISOL, 2005, p. 17).

No nível fonético, os traços são caracterizados por Chomsky e Halle (1968, p. 297) como escalas físicas que descrevem aspectos do evento da fala e podem ser tomados independentemente, seja do ponto de vista de produção ou do ponto de vista da representação perceptual. No nível fonológico, os traços são marcadores classificatórios abstratos, que identificam os itens lexicais da língua. (BISOL, 2005, p. 17).

Os traços distintivos têm a função de expressar os sons que ocorrem nas línguas naturais do mundo.

Os traços se organizam em classes naturais, que quer dizer um conjunto de propriedades compartilhadas por dois ou mais sons. Sabendo disso, apresentamos uma comparação entre os traços presentes nas variantes²: fricativa glotal surda (Quadro 2), aproximante retroflexa (Quadro 3) e a variante de Porto da Rua (Quadro 4).

Fato fisiológico	Características fonéticas	Traços
1. fluxo de ar saindo dos pulmões 2. interrupção parcial e continuada do fluxo de ar nas cavidades supraglotais 3. os músculos ligamentais da glote comportam-se como articuladores.	2. fricativa 3. glotal	[+ cons] [glotal]

Quadro 2: característica da fricativa glotal surda [h]

Fato fisiológico	Características fonéticas	Traços
1. fluxo de ar saindo dos pulmões 2. fechamento do trato vocal em algum ponto. 3. ponta da língua retroflexa (articulador ativo) aproximando-se da região pós-alveolar (articulador passivo)	2. aproximante 3. pós-alveolar retroflexa	[-cons] [coronal, -ant]

Quadro 3: características da aproximante retroflexa [ɻ]

² O valor do traço [voz] desses róticos, qualquer que seja a sua realização, é condicionado pelo valor do traço [voz] da consoante seguinte.

Fato fisiológico	Características fonéticas	Traços
1. fluxo de ar saindo dos pulmões 2. redução de fechamento do trato vocal em algum ponto. 3. ponta da língua (articulador ativo) aproximando-se do palato duro (articulador passivo)	2. aproximante 3. pós-alveolar	[-cons] [coronal, -ant]

Quadro 4: característica da variante de Porto da Rua

Os três quadros mostram produção, características fonéticas e os traços distintivos relevantes para essa análise de cada som. Se compararmos a variante retroflexa com a variante de Porto da Rua, percebemos que elas se diferenciam quanto à retroflexão. Se compararmos a fricativa glotal surda com a variante de Porto da Rua, percebemos que elas se diferenciam no modo e no ponto de articulação.

É difícil precisar quais os traços distintivos da variante de Porto da Rua, mas sabemos que ela é diferente perceptualmente da outra variante presente nesta pesquisa, a fricativa glotal surda. Analisando traços distintivos percebemos, que a variante que nos propomos a estudar pode estar sendo influenciada pela consoante seguinte, especificamente as coronais como [t e d]. Essas consoantes são as maiores responsáveis pela realização de tal variante. Pode estar havendo aí um espriamento de traços.

1.2.2 Característica acústica dos róticos

Uma das primeiras tentativas de caracterizar acusticamente os sons de /r/ foi empreendida por Lehiste (1962), trabalho esse tão importante que continua sendo uma das principais referências de análise acústica dos róticos sustentada pela literatura fonética da atualidade. Lindau (1980, citado em Fraga, 2005), por exemplo, propõe uma descrição acústica semelhante, atribuindo-lhe um caráter mais universalista, ou seja, buscando caracterizar

acusticamente os mais diversos sons de /r/ por meio de uma propriedade peculiar. Em sua opinião, o abaixamento do terceiro formante (F3), comum aos róticos do inglês americano, seria inerente a todos os sons de /r/.

O estudo de Silva (1996, citado em Fraga, 2008), por sua vez, estabelece que as observações de Lindau (1980) também são válidas para o PB. Nesse sentido, o trabalho de Silva (1996) complementa o de Lindau (1980), pois Silva (1996) estabelece a existência de variantes intermediárias entre a vibrante e a fricativa, em posição de onset.

Faremos uma comparação da variante desconhecida com a fricativa glotal surda, a fim de mostrar a realização fonética de ambas. O tempo todo viemos representando a variante de Porto da Rua com o símbolo da aproximante retroflexa porque acreditamos que ela não tem uma vibração completa, sendo possível apenas uma aproximação do articulador ativo em algum ponto no momento de sua realização. Na descrição dessas variantes, além de propriedade auditivamente discriminadas também temos aspectos revelados na análise acústica. No caso da avaliação auditiva, o fator principal que contribui para a discriminação mais segura é a capacidade do ouvido humano de distinguir, no caso, gestos de modos articulatorios diferentes realizados paralelamente. Por exemplo, na variante de Porto da Rua se identifica uma ausência de vibração no sinal acústico, o que claramente acontece com a variante fricativa. A vantagem da avaliação acústica sobre a auditiva revela-se, por exemplo, na discriminação da estrutura de formantes.

Segundo Silva (1996), a medida dos formantes é essencial para a caracterização acústica do som, já que os formantes, ainda segundo a autora, revelam as principais ressonâncias do trato vocal durante a produção de um segmento. Quanto à variante de Porto da Rua, percebemos que há pouco esforço articulatorio, o que dificulta a identificação da zona de articulação pelo método auditivo. Nosso estudo acústico se limitará às análises das medidas de F1, F2 e F3 nos corpora da pesquisa. Acusticamente, não há presença de uma fricativa na figura

5 onde está sendo realizada a palavra ‘cortar’, com a realização da variante de Porto da Rua. O segmento analisado está diante de uma oclusiva alveolar surda, ou melhor, diante de uma coronal. Identificamos também na figura 5 que a configuração de F2 e F3 não são bem definidas. Percebemos que há uma leve subida de F2 e F3.

Comparando o espectrograma da figura 5 com o da figura 6, onde há a realização da palavra ‘verdadeiramente’ com uma fricativa glotal surda, percebemos uma linearidade nos três primeiros formantes e uma vibração acompanhada de ruídos, o que não acontece no espectro da figura 5. Não é simples estabelecer relação entre classes fonéticas e fonológicas. Mas foi possível identificar que as realizações são diferentes acusticamente, embora a acústica dê pistas, mas não explique tudo. Vale ressaltar que é necessária uma análise mais acurada do caso.

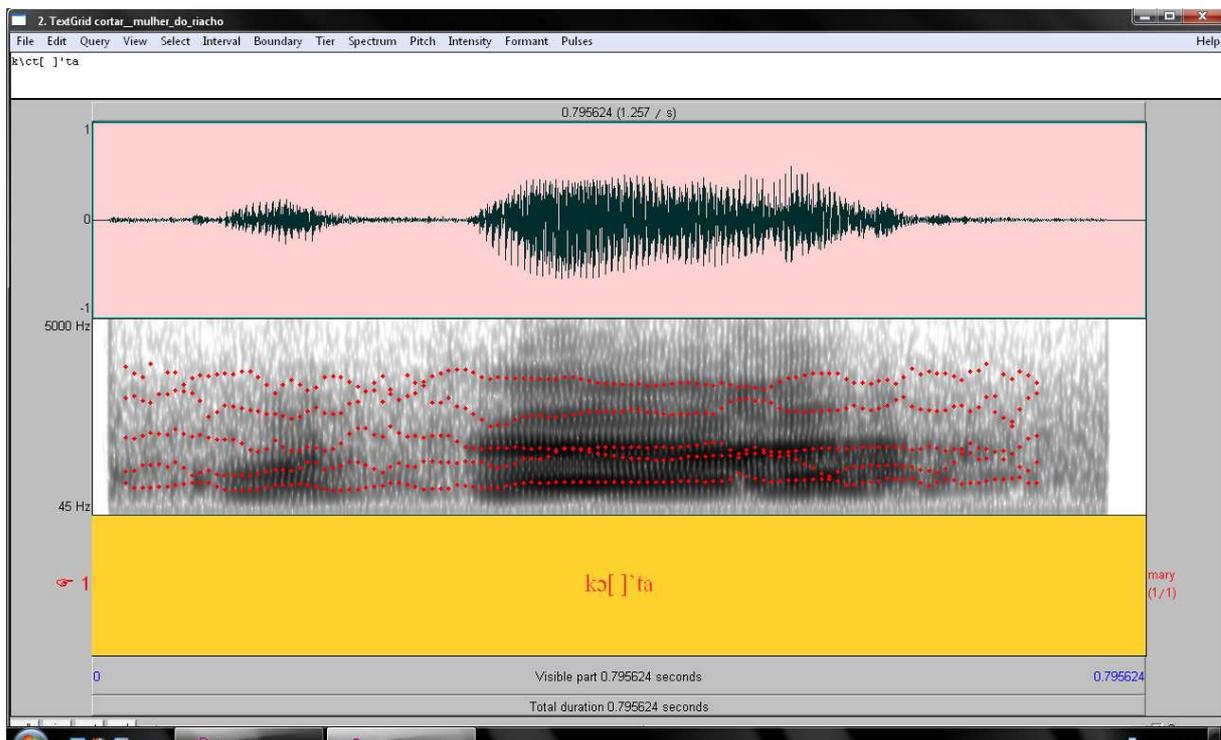


Figura 5: Espectrograma, retirado do Praat, variante de Porto da Rua realizada na palavra “cortar”

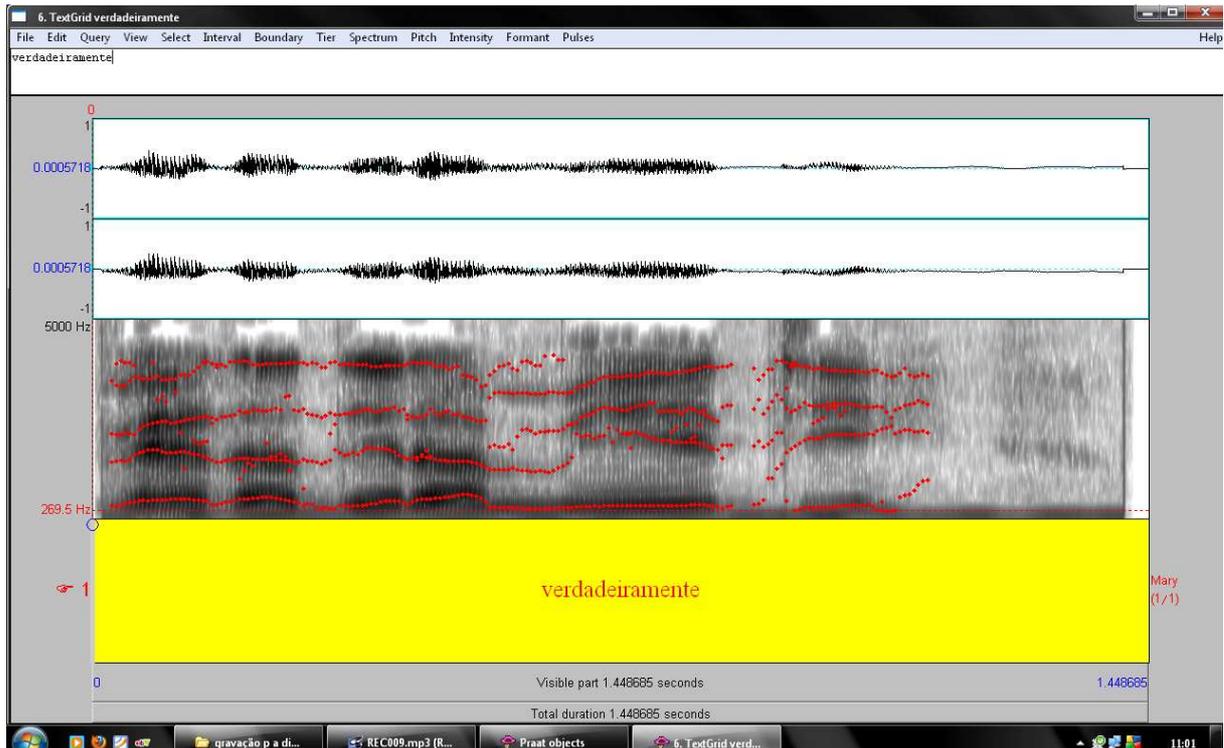


Figura 6: Espectrograma, retirado do Praat, da fricativa glotal surda realizada na palavra ‘verdadeiramente’

Concluimos, portanto, que a variante de Porto da Rua é uma aproximante pós-alveolar, não retroflexa.

1.2.3 Descrição fonológica dos róticos no Português do Brasil

Os róticos constituem uma classe peculiar, pois geralmente são grafados pela mesma letra nas línguas em que ocorrem (Ladefoged; Maddieson, 1996), diferentemente de outras classes de sons nas quais é possível reconhecer características fonéticas comuns. As variedades mais comuns dos róticos (Ladefoged; Maddieson, 1996) são vibrantes, tipes, fricativas e aproximantes.

Monaretto et al. (2001) afirmam que os sons do r-forte (vibrante) no PB podem corresponder tanto a uma vibrante propriamente dita, quanto a uma fricativa ou a uma aspirada.

Alguns estudos fonéticos e fonológicos que tratam desse assunto propõem um interessante quadro para descrever a variação dos róticos em diversas línguas. Do ponto de vista fonológico, há dois róticos (doravante, “r”) no Português do Brasil. Seguimos aqui a descrição de Silva (1999).

Segundo Silva (1999, p.159-160), temos o “r” fraco” e o “R forte”, desde que exista um contraste fonêmico entre esses dois tipos de “r” em posição intervocálica, como mostra a existência de pares mínimos em “caro/carro”; careta/carreta”. Este contraste fonêmico pode manifestar-se pelo número de vibrações da língua na articulação do segmento consonantal: vibrante simples em ‘caro’ [ˈkaɾu] e vibrante múltipla em ‘carro’ [ˈkaʀu]”.

O “R forte” varia consideravelmente no português brasileiro. Silva (1999) o representa por /R/, sendo que este segmento sempre ocorre no início da sílaba. O tepe é representado por [r], que relaciona-se ao “r fraco”.

Segundo Silva (1999, p. 160), a perda do contraste fonêmico entre “R forte” e “r fraco” é neutralizada no português em posição final de sílaba. Isto quer dizer que, neste contexto, pode ocorrer foneticamente segmento correspondente ao “R forte” ou ao “r fraco”. Neste contexto – de posição final de sílaba – utilizamos o arquifonema /R/ para representar fonemicamente o “R pós-vocálico”. O arquifonema /R/ ocorre somente em posição final de sílaba – seja em meio de palavra como ‘carta’, ou em final de palavra como ‘mar’.

Essa perda de contraste fonêmico chama-se neutralização, que é um fenômeno fonológico que diz respeito à oposição encontrada entre dois fonemas em um determinado contexto, mas não em outro. Isto quer dizer que em um determinado contexto, como em posição final de sílaba, o /R/ pós-vocálico perde o poder de ser distintivo. Daí uma neutralização. O arquifonema é o resultado de uma neutralização.

Segundo Silva (1999), os segmentos [x, γ, h, fi] relacionam-se a /R/ em posição final de sílaba e esses segmentos concordam em vozeamento com a consoante seguinte. Ela ainda

reforça dizendo que existe aí uma variação posicional pelo fato de as fricativas variarem conforme o contexto seguinte como, por exemplo, no dialeto de Belo Horizonte, onde ocorre uma fricativa vozeada, antes de uma consoante vozeada em [‘kahga] ‘carga’; uma fricativa desvozeada antes de consoante desvozeada em [‘tohtu] ‘torto’ e em final de palavra, como em [‘mah] ‘mar’.

Em nosso estudo, uma das variantes do /R/ é a fricativa glotal surda. A nossa análise está focada exatamente em coda medial e final, ou melhor, analisamos o “R” pós-vocálico. Pesquisas indicam que é nesse ambiente que ocorre mais variação.

1.2.4 Breve notícia de trabalhos já realizados sobre os róticos no Português do Brasil

O português brasileiro caracteriza-se pela grande variedade de róticos, variedade essa que se verifica em posição de final de sílaba. Têm sido realizados muitos estudos sobre a distribuição das diversas variantes de róticos, dentre os quais podemos citar os de Callou et al. (1996), Hora e Monaretto (2003), Monaretto (1997), Marroquim (1945), dentre outros.

Callou, et al. (1996) discutiram as ocorrências do /r/³ em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife – projeto NURC) em posição pós-vocálica no interior e no final da palavra. Através desta pesquisa, pôde-se concluir que há um forte condicionamento geográfico sobre essa distribuição, de modo que São Paulo e Porto Alegre tendem a privilegiar variantes vibrantes, enquanto as demais capitais privilegiam fricativas.

Monaretto (1997) utilizou dados do VARSUL⁴ e analisou a distribuição da vibrante nas capitais dos três Estados da região Sul. Nesses *corpora*, a autora observou a coocorrência

³ O símbolo /r/ no trabalho de Callou et al (1996) significa o mesmo símbolo representado pelo símbolo /R/, em posição pós-vocálica, no trabalho de Silva (1999). E foi o de Silva que adotamos neste trabalho.

⁴ Varsul significa Variação Lingüística Urbana do Sul do País, projeto que tem por objetivo geral a descrição do português falado no Sul do Brasil.

do que denomina ‘vibrante anterior’ e ‘vibrante posterior’, que correspondem, respectivamente (conforme suas descrições), à vibrante apical, que nada mais é do que o ‘erre forte’ de “carro” conhecida antes por vibrante apical múltipla que se opõe ao chamado ‘erre fraco’ ou “vibrante simples” em palavras como “caro” e “careta” e a um som semelhante ao de uma fricativa velar.

Há dois pontos em comum nesses trabalhos. O primeiro deles diz respeito à comprovação de que coexistem, num mesmo dialeto e entre dialetos do português do Brasil, diversas variantes de /r/, em posição de início de sílaba. O segundo ponto reforça uma observação de Callou (1996), que diz haver mudança em curso no PB, envolvendo a produção de /r/. De acordo com a autora, as variantes vibrantes, apicais ou uvulares, são variantes conservadoras que sofrem mudança, em seu ponto e modo de articulação, rumo a variantes fricativas, que são inovadoras. Essa mudança parece provocar um ‘enfraquecimento’ da vibrante, que assume um caráter contínuo, dado pela fricção com que passa a ser pronunciada.

Hora e Monareto (2003) estudaram o enfraquecimento e apagamento dos róticos. Para isso, utilizaram o *corpus* do Projeto Variação Linguística do estado da Paraíba (VALPAB). Os dados da Paraíba indicam um condicionamento fonético para o apagamento em coda medial, ao contrário do Sul, onde o apagamento ocorre em final de palavra, quase exclusivamente nos verbos.

Pelo que percebemos de todos os trabalhos já realizados sobre a variação, concluímos que não se trata de uma variação atual. Gonçalves Viana, no final do século XIX, já havia observado a coexistência de variantes de /r/, num mesmo dialeto.

Especificamente no nordeste, temos os trabalhos de Da Hora (2003), sobre o enfraquecimento e apagamento dos róticos em João Pessoa – PB, o estudo da variação do /r/ em cinco capitais brasileiras, entre elas Recife, trabalho este realizado por Moraes e Leite em

1997 (como já foi citado). Em Fortaleza, temos o estudo de Alencar, intitulado Variação dos fonemas /r/ e /r/ no falar de Fortaleza⁵.

Segundo Alencar (2007), a realização do /r/ em posição de coda em final de palavra no dialeto fortalezense corresponde ao descrito por Callou (1996) relativo a Recife, em que a variação do /r/ se dá entre [h] e [ø], tanto na posição interna como externa. De acordo com suas análises, o /r/ em final de vocábulo está muito mais condicionado às restrições estruturais do que às sociais e que, tomando por base o falar fortalezense, observamos que há um certo número de realizações fonéticas mais ou menos comuns às de outras pesquisas já concluídas em outras regiões do Brasil, as quais constituem, decerto, o núcleo comum da nossa língua.

Como podemos ver, estudiosos de orientações diversas têm estudado o fenômeno dos róticos, uma vez que a variação de /R/ no Português do Brasil tem-se mostrado bastante diversificada. Embora pesquisas sobre esse aspecto já tenham sido realizadas em várias localidades do Brasil, nada nos impede de tentarmos delinear mais uma realização fonética deste fenômeno numa pequena comunidade de Alagoas, onde pretendemos suprir esta lacuna e assim contribuir para um maior conhecimento da nossa língua.

⁵ O símbolo /r/, no trabalho de Alencar, representa a vibrante múltipla, ou erre forte, aqui representado por /R̄/ e o símbolo /r/ representa o erre fraco, o de palavras como 'caro' e 'careta'.

CAPÍTULO II

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A língua constitui o meio mais completo de comunicação entre as pessoas. De uso diário, inclusive por crianças pequenas, é tão natural como parte integrante da vida humana, que passa despercebida a complexidade que a caracteriza. Os falantes de uma língua, através de sons, veiculam significados, pensamentos, sentimentos, emoções, e interagem socialmente, sem dar-se conta de sua organização interna, do sistema que a constitui. (BISOL, 2005, p. 11).

Neste capítulo, apresentaremos o modelo sociolinguístico adotado, uma vez que este trabalho está baseado em seus pressupostos teóricos e metodológicos. Trataremos da relação que existe entre língua e sociedade, conceituaremos comunidade de fala para Labov. Abordaremos a sistematicidade da heterogeneidade linguística e, por fim, conceituaremos a variação e a mudança linguística, analisando a variação estável e a variação em progresso para então decidir com qual das duas situações o fenômeno observado se configura.

Os pressupostos teóricos e metodológicos que orientam a coleta e a análise dos dados desta pesquisa são os da Teoria da Variação Linguística, proposta por Weinreich et al. (2006) e Labov (2008). Nesta perspectiva teórica, assume-se que a heterogeneidade, ou variação, é inerente a todo e qualquer sistema linguístico e que esta variação não é aleatória, mas governada por regras e restrições linguísticas e extralinguísticas. Para WLH, “aprender a ver a língua como inerentemente variável significa, antes de tudo, reconhecer a natureza e a amplitude dessa infração dentro do sistema” (2006, p. 134).

Desde o trabalho conjunto desenvolvido por Weinreich et al. (2006), em que se estruturaram as bases para uma teoria da mudança linguística, os autores já alertavam para a necessidade de se romper com a identificação entre estrutura linguística e homogeneidade. Propuseram como postulado básico desse tipo de abordagem, que “em uma língua que serve a

uma comunidade complexa (i.e. real) é a ausência de heterogeneidade estruturada que seria disfuncional”(WEINREICH ET AL. 1968, p. 101)⁶.

Considera-se que há variação sempre que duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, em um contexto, estão presentes com certa frequência e sistematicidade, em uma dada comunidade de fala. Para haver variação, portanto, é preciso avaliar se as diferentes possibilidades de expressão estão correlacionadas a determinados contextos estruturais específicos ou a dadas situações de uso da língua, de modo sistemático e frequente. A essas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade, dá-se o nome de variantes linguísticas; e o conjunto das variantes de um mesmo modo de dizer constitui a variável linguística a ser investigada, a saber, a variável dependente.

À Teoria da Variação interessa, portanto, primordialmente, estudar “a língua como usada pelos falantes nativos para se comunicarem no dia-a-dia” (LABOV, 1972, p. 185)⁷, ou seja, o vernáculo, “o estilo em que um mínimo de atenção é atribuído à monitoração da fala”. (LABOV, 1972, p. 208)⁸. Trata-se, portanto, de uma abordagem cujo objetivo específico é descrever e explicar os fenômenos linguísticos em si, e não as formulações teóricas e analíticas relativas a esses fenômenos.

Este modelo de análise linguística, proposto por Labov e pesquisadores associados prevê, entre outros, um tratamento estatístico dos dados coletados, de modo a desenvolver também um suporte quantitativo para subsidiar a análise. Em síntese:

Ao pesquisador variacionista cabe identificar os fenômenos linguísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes, levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação linguística, operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza linguística e não linguística, identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. (SCHERRE, 1998, p. 43).

⁶ No original, “in a language serving a complex (i.e., real) community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional”.

⁷ Trecho extraído do original “the basic data for any form of general linguistics would be language as it is used by native speakers communicating with each other in everyday life”.

⁸ No original, “this is the 'vernacular' _ the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech”.

Por se tratar de fenômenos produzidos em situações reais de uso da língua, entende-se que estes refletem a verdadeira configuração de uma dada língua em um tempo real, sincrônico, e sinalizam também as possíveis direções de uma mudança linguística.

Para a descrição e a análise desse tipo de fenômeno linguístico, é necessário, então, que se proceda ao levantamento de um número significativo de dados de língua falada que represente, o mais fielmente possível, o vernáculo de uma dada comunidade de fala. A escolha desse material de análise exige a superação de um problema metodológico central na pesquisa variacionista, conhecido como o paradoxo do observador: “como coletar a fala espontânea dos usuários de uma dada variedade de língua que se deseja estudar, sem inibi-los com a presença do próprio pesquisador?”(LABOV, 2008, p. 209).

Ao mesmo tempo, o autor afirma que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser o de descobrir de que modo as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”. Esse conflito, que constitui o paradoxo do observador, é um dos principais obstáculos a serem vencidos para garantir uma coleta de dados de boa qualidade. Por sua vez, são mais facilmente obtidos por meio de gravações de entrevistas individuais. Para minimizar os efeitos dessa situação paradoxal, Labov (2008) sugere uma série de estratégias de entrevistas que serão descritas, de modo mais detalhado, na seção referente à coleta de dados para esta pesquisa.

Outro aspecto importante da Teoria da Variação é aquele em que os padrões de comportamento linguístico identificados em uma dada comunidade de fala resultam da ação de uma série de fatores que intervêm, de modo mais ou menos direto, na atividade linguística concreta. Esses fatores que atuam sobre o comportamento linguístico dos falantes podem ser de duas naturezas: de um lado, estão aqueles relativos às características sociais do falante, tais como sua idade, seu sexo, seu nível de escolaridade, a classe social a que pertence, que são

chamados de fatores sociais ou extralinguísticos; de outro lado, encontram-se os fatores que dizem respeito aos contextos da estrutura linguística que condicionam a ocorrência de uma ou outra variante, que são chamados de fatores linguísticos.

É importante lembrar que a ação desses fatores não se dá de forma isolada, independente da ação dos demais. Trata-se, de fato, de uma combinação das interferências dos diversos fatores, que podem atuar simultaneamente. Sendo assim, para mensurar a interferência de cada fator isoladamente, foram desenvolvidos no âmbito da sociolinguística variacionista ou quantitativa vários modelos matemáticos que permitem avaliar a atuação específica de cada fator, ou seja, o peso relativo específico de cada fator no conjunto dos fatores considerados. O modelo matemático que escolhemos para avaliar nossos dados foi o pacote Varbrul, que será apresentado, mais detalhadamente, na seção referente ao tratamento dos dados.

O arcabouço teórico metodológico do modelo sociolinguístico variacionista é constituído por um conjunto de noções, conceitos e princípios, dos quais os principais, do ponto de vista teórico, serão tratados nas seções seguintes. Os princípios metodológicos serão discutidos no próximo capítulo.

2.1 Língua e sociedade: uma relação óbvia

A relação entre língua e sociedade é percebida em uma comunidade linguística, definida como um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas (ALKMIM, 2001).

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego

de diferentes modos de falar. Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, apresentará sempre variações.

De acordo com Tarallo (1990), toda ciência tem uma teoria própria, um objeto específico de estudo e um método que lhe é característico. Em Sociolinguística, é a partir da existência real do objeto de estudo, com todas as suas inúmeras, infinitas e possíveis facetas, que se tenta construir um modelo teórico para daí dar início a uma verdadeira pesquisa, ou seja, esse modelo teórico-metodológico parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente.

O pesquisador sociolinguista deve ter como ponto de partida o fato linguístico, um levantamento de dados da língua falada. É importante que esses dados sejam representativos e reflitam, com fidelidade, o vernáculo da comunidade, devendo-se voltar sempre a ele (ao fato) todas as vezes que se encontrar dificuldades. O fato sociolinguístico, o dado de análise, é ao mesmo tempo a base para o estudo linguístico, o acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua e também o levantamento e o lançamento de novas hipóteses.

Podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. A relação entre língua e sociedade é percebida em uma comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas. Foi Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Quando Labov inicia seus estudos nesse novo método, ele não está apenas preocupado com o porquê da variação existente na língua falada, mas também com os fatores que condicionam essa variação. Ele busca explicação dentro da sociedade, pois é nela que a língua se realiza. Por isso, a insistência na relação entre língua e sociedade.

2.2 A comunidade de fala

A comunidade de fala, para Labov (1972, p. 120-1), não é definida por qualquer acordo marcado no uso de elementos de linguagem ou pela participação em um conjunto de normas compartilhadas, estas normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e pela uniformidade dos padrões abstratos de variação, que são invariantes em relação a níveis específicos de uso.

É importante aqui a idéia de que os membros de uma comunidade de fala não têm que necessariamente falar a mesma coisa, eles devem apenas compartilhar partes de um conjunto de avaliações sobre o discurso existente na comunidade. As avaliações tendem a ser diferentes. A noção laboviana sobre a comunidade de fala se fundamenta em dois aspectos: nas atitudes dos falantes em relação à língua e nas regras gramaticais que eles compartilham.

Para Labov (2008), o precursor da teoria sobre a qual esta pesquisa se apóia, a noção de língua deve levar em conta, necessariamente, o contexto social, o que implica atribuir à língua uma função comunicativa. E é enquanto um sistema heterogêneo que a língua como estrutura, com seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, deve ser analisada, sem ser desvinculada do contexto social de uma determinada comunidade de fala. Dessa maneira, o objeto da linguística deve ser “o instrumento de comunicação utilizado pela

comunidade de fala” (LABOV, 1972, p. 187), considerando-se que “pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua” (LABOV, 1972, p. 3)⁹.

Estando clara a vinculação entre língua e comunidade de fala, resta averiguar quais seriam as fronteiras que delimitariam o pertencimento de um indivíduo a uma determinada comunidade da fala e não a outra. Labov considera que as fronteiras são postas mediante dois aspectos, um deles no nível consciente e outro no nível inconsciente.

Quanto ao nível consciente, os falantes compartilham atitudes e valores semelhantes em relação à língua, já que a comunidade de fala “é bem melhor definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua” (LABOV, 1972, p. 158)¹⁰. Tais normas são apreendidas pelo pesquisador mediante o valor que os falantes da comunidade da fala atribuem a elas, sendo que, normalmente, ao grupo de prestígio, cuja fala é dominante na escola, no trabalho, na mídia, são vinculados valores positivos. Segundo Labov (1972, p. 192), “membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real”. Vale ressaltar que a uniformidade das normas compartilhadas pelos falantes geralmente ocorre quando a variável linguística possui marcas sociais evidentes aos falantes. No caso de não haver tais marcas vinculadas às variáveis, as normas compartilhadas correm o risco de não ser tão uniformes. Nesse caso, a delimitação da comunidade de fala não poderia se restringir unicamente aos valores compartilhados pelos falantes, pois há variáveis que não são, necessariamente, reconhecidas por esses falantes, embora Labov (2008, p. 248) acredite que “julgamentos sociais inconscientes sobre a língua podem ser medidos por técnicas”¹¹.

⁹ No original: “social pressures are continually operating upon language.”

¹⁰ No original: “is best defined as a group who share the same norms in regard to language.”

¹¹ No original: “unconscious social judgments about language can be measured by techniques.”

2.3 Heterogeneidade sistemática

A sociolinguística acredita na heterogeneidade da língua. Por mais que cada indivíduo traga em si um modo de apresentá-la, o indivíduo não é isolado, pois interage em uma comunidade onde existem outros falantes, dotados do mesmo sistema e que, por possuírem o mesmo sistema linguístico, são capazes de se comunicar, ou melhor, interagir verbalmente e compartilhar um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Como já foi dito, uma comunidade de fala caracteriza-se não pelo fato de ser constituída por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas.

Weinreich et al. (2006), precursores e representantes principais da Sociolinguística Variacionista, vêem a língua de uma comunidade como um sistema diferenciado em que se podem reconciliar os fatos observados de heterogeneidade linguística com o anseio teórico de encontrar ordem e estrutura. É o que Tarallo (1960, p. 6) chama a possibilidade de ordenar o caos linguístico, universo aparentemente caótico da língua falada. Cabe ao linguista descrever, analisar e sistematizar esse universo. De acordo com Tarallo (1990), a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é heterogênea, diversificada, mas é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada.

A Sociolinguística é uma ciência que se faz presente em um espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. O português falado no Brasil está repleto de variabilidade linguística. Temos, no sul do país, o pronome “tu”, que é o tratamento preferido para ser utilizado quando o falante interage com o ouvinte. Temos a marcação de plural *versus* ausência de marcação, que se estende por todo o Brasil, assim como a presença de marcas de concordância nominal e verbal, sem esquecer, é claro, das inúmeras realizações do /R/ já detectadas e muitas que ainda precisam ser investigadas e descritas, como é o caso da realização foco deste estudo. São variações como estas que são o objeto de estudo da

Sociolinguística, pois ela entende a variação como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.

No meio de toda essa variação, existe uma preocupação relevante dos sociolinguistas. Essa preocupação é com o que chamamos preconceito linguístico. Houve e continua havendo muitos debates na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como preferência o padrão culto. Segundo Mollica (2007, p. 13), as línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em um *continuum*, e a partir dessa diversidade o falante adquire primeiro as variantes informais e, em um processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária. Isso é mais um indício de que a própria sociedade nos direciona para o que ela considera adequado ou não para o uso.

É fato que toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Daí a importância dos estudos sociolinguísticos em oferecer valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção do erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística não natural e ilegítima.

2.4 Variação e mudança: variação estável ou mudança em progresso?

Para Weinreich et al. (2006), muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, é necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada, ou seja, que faz parte da competência do falante. Por isso, os autores insistem no abandono do axioma da homogeneidade e propõem que seja instaurado outro, o axioma da heterogeneidade ordenada, uma vez que para eles a língua é tida como uma realidade inerentemente variável.

Reconhecendo a relevância das exigências gerais que Chomsky (1965) trouxe para o estudo teórico em linguística, os autores sugerem que essas exigências poderiam resultar em duas versões para uma teoria da mudança: uma versão forte, que diz respeito às regras que têm que ser respeitadas; e a versão fraca, que reconhece os condicionadores, mas não sabe como esses operam. Isso significa que nem toda mudança é possível e de que há restrições também quanto à possibilidade de fatores condicionantes.

Entendendo que a mudança observada através dos tempos está enraizada na variação que ocorre na sincronia e que esta variação, por sua vez, correlaciona-se com aspectos socioculturais, Weinreich et al. (2006) propuseram que, no estudo de fenômenos de mudança, se buscassem explicações tanto na estrutura da língua quanto na estrutura social. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; ela não está confinada a etapas diferenciadas dentro da família. Toda e qualquer descontinuidade encontrada na mudança linguística resulta de descontinuidades específicas de dentro da comunidade e não como produtos inevitáveis das diferenças de geração de pai e filho. Para Weinreich et al. (2006), a mudança linguística não deve ser identificada com a difusão aleatória que resulte de variação inerente à fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância em um determinado subgrupo de fala entra em ação e assume o caráter de diferenciação sistemática.

A teoria da variação e da mudança linguística deu um novo rumo às pesquisas linguísticas, como a constatação de que a variação é inerente ao sistema linguístico, que ocorre numa comunidade de fala, inclusive na fala de uma mesma pessoa, e de que a heterogeneidade é uma condição intrínseca às línguas.

Segundo Labov (1972, p. 266), é preciso averiguar em que medida os fatores sociais e linguísticos estão profundamente envolvidos nos processos sistemáticos de mudança fonológica e gramatical.

A língua é uma realidade dotada de organização, isto é, ela tem uma estrutura gramatical que estabelece como podemos combinar as palavras de modo a produzir nossos enunciados, de combinar palavras e frases que por sua vez representarão o conhecimento adquirido. Nesse caso, os enunciados são considerados como o produto da interação linguística. Essa estrutura gramatical está, de algum modo, no cérebro de todos os falantes (adquirida hereditariamente e aprendida no contexto social, como concebe Saussure (1916), ou inata, um mecanismo biológico, como propõe Chomsky (1965)) e entra em operação a cada vez que o falante vai produzir um enunciado. Esse conhecimento entra em ação também a cada vez que o falante ouve ou lê um enunciado na sua língua, compreendendo esse enunciado. Apesar de altamente organizada, a língua é, em sua essência, um sistema flexível: ela não é uma camisa-de-força, mas um sistema de múltiplos meios. Desse modo, os falantes têm a sua disposição várias alternativas para expressar um mesmo significado básico, podendo escolher aquela que seja a mais adequada a determinada situação.

É fácil observar como a língua portuguesa é falada de modos diferentes pelo Brasil a fora. Também é fácil observar como a língua varia conforme o *status* social dos falantes e como nós mesmos variamos continuamente nosso modo de falar, conforme a situação em que estamos (formal ou informal), conforme quem sejam nossos interlocutores (mais jovens ou mais velhos; conhecidos ou desconhecidos) e conforme, ainda, o papel social que estamos exercendo naquele momento (aluno ou professor; chefe ou colega de trabalho).

Para Faraco (2003), esses fatos, facilmente percebidos, apontam para uma característica de todas as línguas: nenhuma delas é uniforme, homogênea; todas conhecem variação na pronúncia, no vocabulário e na estrutura gramatical; todas se materializam como um conjunto de variedades geográficas, sociais e contextuais. O autor enfatiza a relação que existe entre língua e sociedade.

Tarallo (1990) também acredita nessa relação e trabalha com a teoria da variação linguística como modelo de análise para uma sistematização de toda essa heterogeneidade. Para ele, não basta tomar conhecimento de que em uma comunidade de fala determinadas variante linguísticas se manifestam. É preciso, ainda, analisar e aprender a sistematizá-las, levando em consideração que nem tudo o que varia sofre mudança, mas toda mudança implica sempre em variação. Esse último postulado aponta para o fato que a mudança linguística está relacionada com a variação.

Weinreich et al. (2006), discutem as dificuldades tradicionais dos linguistas em incorporarem sistematicamente aspectos da estrutura social no estudo da língua e da mudança. Avaliam que os resultados dos estudos sociolinguísticos tornaram obsoleto esse agnosticismo sociológico da linguística estrutural na medida em que grande número das variáveis linguísticas estudadas revela uma complexa estrutura sociolinguística, na qual o valor das variantes é determinado por diversos fatores sociais e linguísticos. É exatamente pelo fato de que existe variação na língua que a sociolinguística volta sua atenção sobre ela, pois não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico na sociedade se cada grupo apresentasse comportamento homogêneo.

Antes de todo esse estudo, porém, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no recuo da inovação. Sabendo disso, cabe ao linguista definir se o caso é de variação estável ou de mudança linguística. Para Mollica (2007), as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudanças, quando uma das formas

desaparece. Nesse caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura uma situação de mudança.

Em nossa pesquisa, constatamos que o fenômeno observado pode vir a estar em uma possível mudança em progresso, uma vez que os mais jovens já não realizam a variante em questão, que é realizada apenas pelos mais velhos, conforme demonstraremos em nossa análise dos dados.

CAPÍTULO III

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS E A METODOLOGIA DA PESQUISA

A fala não é uma posse pessoal, mas social; ela pertence, não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade (WHITNEY, 1901, p. 404).

Este capítulo será dedicado aos pressupostos metodológicos que orientam a pesquisa variacionista, desenvolvida como uma das etapas deste trabalho, bem como à descrição detalhada da coleta dos dados, organização da amostra, variável dependente e variáveis independentes, hipóteses de trabalho e à descrição da análise quantitativa do fenômeno linguístico em estudo. Para a explicação do fenômeno linguístico, utilizamos a Teoria Gerativa, por essa teoria ter um poder explicativo.

A metodologia contempla a fase exploratória de estabelecimento de critérios de amostragem, entre outros, e a definição de instrumentos e procedimentos para síntese e a análise de dados e informações, destacando o método. O método, traço característico da ciência, representa um procedimento racional e ordenado (forma de pensar), constituído por instrumentos básicos, que implica utilizar, de forma adequada, a reflexão e a experimentação para proceder ao longo de um caminho (significado etimológico de método) e alcançar os objetivos pré-estabelecidos no planejamento da pesquisa.

Como toda área de conhecimento, a Sociolinguística oferece diferentes modelos teórico-metodológicos para a análise da variação e da mudança. Em nosso trabalho, adotamos a abordagem da Teoria da Variação, desenvolvida, principalmente, por Labov (2008). Essa linha foi adotada porque se adequa ao nosso objeto de estudo, que é a investigação de um fato linguístico considerando-se o caráter heterogêneo da língua, visando a verificar sua realização e distribuição na comunidade de fala e se esse fenômeno apresenta indícios de estabilidade ou de uma mudança em curso.

3.1 Tratamento dos dados: VARBRUL

O VARBRUL é um conjunto de multivariados programas computacionais de análise, especificamente estruturados para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama ‘multivariada’ porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes (GUY & ZILLES, 2007).

A análise quantitativa realizada pelo VARBRUL consiste no exame de cada ocorrência do fenômeno linguístico em estudo, ou seja, cada escolha diferenciada e recorrente de uma estrutura ou forma linguística feita pelo falante em seu desempenho, que não seja categoricamente previsível por informações contextuais (SANKOFF, 1988 citado em DETTONI, 1995). Diante do exposto, pode-se falar em regras variáveis. Essas regras seriam a expressão dessa escolha, feita pelo falante, entre duas ou mais alternativas distintas que podem ser influenciadas por fatores como estilo, ambiente fonológico, características sócio-demográficas, contexto sintático. A análise quantitativa visa, assim, a examinar a relação entre essas diferentes escolhas e os fatores a elas associados, sendo que o conjunto das alternativas possíveis constitui a variável dependente, e os diferentes fatores considerados pelo pesquisador a partir das hipóteses de trabalho estabelecidas constituem as variáveis independentes ou explanatórias.

Ainda segundo Sankoff (1988)

A essência da análise está na avaliação de como o processo de escolha é influenciado por diferentes fatores cujas combinações específicas definem os contextos. Embora se aceite que a escolha não possa ser normalmente prevista com grau absoluto de certeza, é possível, todavia, estabelecer o que favorece uma dada alternativa, a força de seu favorecimento, bem como o que a desfavorece. (SANKOFF, citado em DETTONI, 1995, p.70).

Desse modo, a análise quantitativa permite obter os seguintes resultados: i) a seleção, em valores estatísticos, das variáveis independentes mais relevantes na produção do fenômeno

analisado; ii) as frequências de uso e o peso relacionado a cada um dos valores das variáveis independentes; iii) o nível de significância dos resultados obtidos.

Em relação ao item (ii), Sankoff (1988, citado em DETONNI, 1995), observa que mais relevante do que o valor de cada fator em si, observado isoladamente, é a comparação entre os efeitos de dois ou mais fatores em um dado grupo, medida pelas suas diferenças.

Ainda com relação a este modelo matemático, considera-se que, para fenômenos binários, os que apresentam apenas duas variantes, os pesos relativos acima do valor de 0.50 favorecem o uso da variante tomada como base, enquanto pesos relativos com valor abaixo de 0.50 desfavorecem-na; e todos os pesos relativos em torno de 0.50 são considerados neutros.

Além disso, o Varbrul tem certas vantagens que fazem dele uma boa opção para o sociolinguista. Em primeiro lugar, ele é dedicado à estruturação dos dados que encontramos na linguagem natural. Por exemplo, dados linguísticos quase nunca se apresentam como números equivalentes em todas as células, mas há vários métodos estatísticos que exigem distribuição equilibrada entre as células, fatores e grupos de fatores. Em segundo lugar, muitas das células em uma rodada típica do Varbrul não têm nenhum dado, ou têm só um dado. A operação do Varbrul tolera muito bem tais desvios de uma distribuição equilibrada, mas eles seriam fatais para alguns outros métodos. Uma terceira vantagem é que ele vem com rotinas que permitem recodificação e outros manuseios dos dados (GUY & ZILLES, 2007).

Ainda para os autores, o Varbrul contribui para a construção de um modelo matemático dos dados. De fato, é desenhado para isso. Ele vai muito além do mero objetivo de dizer sim ou não sobre se uma variável influencia outra, para tentar articular vários resultados numa visão geral – e testável – de como funciona um sistema inteiro. Este programa é uma ferramenta especificamente estruturada para facilitar tal atividade teórica do linguista, e é por isso que ele tem tido tanto sucesso no campo da linguística variacionista.

3.2 A seleção dos informantes

Segundo Tarallo (1990), é um trabalho árduo ir às ruas. No meio social onde as variantes coexistem em seu campo de batalha, selecionar os informantes, escolher a comunidade a ser estudada, visto que, tanto uma como a outra são tarefas complicadas pelo fato de não ser tão fácil adentrar em uma determinada comunidade e dela “tirar” amostras de fala. Já sabemos que em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação, objetivo principal de nos aventurarmos nela.

Sabemos que não basta apenas esse conhecimento de que não é fácil invadir o espaço do outro e dele coletar algo, mas principalmente saber como chegar até ele e saber como se portar diante da situação, uma vez que nenhum pesquisador deve entrar em uma comunidade, seja ela qual for, e falar que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo, pois assim fazendo seus informantes terão um comportamento que prejudicará todo seu trabalho. É preciso fazer com que o informante acredite que o objetivo da pesquisa está fora do campo da linguagem. Tarallo (1990) lembra que, sendo a língua propriedade do grupo estudado, seus informantes poderão se sentir ameaçados e embaraçados, caso o pesquisador não tenha agido de forma esperada pelos pressupostos da Sociolinguística.

A seleção dos informantes é um dos aspectos que sempre surpreende. No nosso caso, não foi diferente. Não foi muito difícil conseguir os informantes. Como se pode ver, a população pesquisada não é tão grande e nem tão pequena a ponto de contatarmos todos os seus indivíduos como informantes. Dividimos os informantes por células e partimos para as gravações. Nesse momento, muitas coisas surpreendem o pesquisador, nos surpreendemos com o fato de saber de antemão que alguns informantes realizavam o fenômeno estudado e no momento da gravação o fenômeno não apareceu. O lado positivo desse acontecimento é que foram casos isolados. Tentamos seguir os conselhos de Labov (2008) sobre a fala espontânea, em que ele diz que precisamos ir além da situação de entrevista. Precisamos de algum modo

capturar a fala cotidiana que o informante usa em casa com a família. Infelizmente, nem sempre foi possível seguir à risca esses conselhos porque o cotidiano do outro é um território “particular” e devido a isso nem sempre conseguimos ir além do que esteve ao nosso alcance, que foi a fala espontânea.

Tivemos um total de 48 informantes. Os informantes foram estratificados pelas variáveis sociolinguísticas sexo, faixa etária e escolaridade. Quando efetuamos as primeiras sondagens, definimos as dimensões que foram utilizadas para cada variável, que foi posteriormente re-estratificada, como, por exemplo, diversas faixas etárias e diferentes níveis de escolaridade. A tabela a seguir permite visualizar a estratificação dos informantes pelas variáveis extralinguísticas e dimensões utilizadas.

		Faixas Etárias		
Sexo	Escolarização	10-30	31-50	+ 50
<i>Masculino</i>	<i>Escolarizado</i>	4	4	4
	<i>Não-escolarizado</i>	4	4	4
<i>Feminino</i>	<i>Escolarizado</i>	4	4	4
	<i>Não-escolarizado</i>	4	4	4
Total - 48 informantes		16	16	16

Quadro 5 – Estratificação dos informantes

3.3 A variável dependente

A variável dependente, o foco do estudo, é uma variável linguística porque existem dois ou mais elementos linguísticos que se alternam no uso e podem ser vistos como opções em algum ponto na gramática mental. Em princípio, podem ser elementos de qualquer nível estrutural: realizações alternativas de segmentos ou traços fonológicos, estruturas ou processos sintáticos, itens morfológicos ou lexicais, estruturas discursivas, entre outros. Segundo a formulação sintética proposta por Labov (1972, p. 271), as variantes em alternância representam “maneiras diferentes de dizer a mesma coisa”. Mas sabemos que a alternância é vista como parcialmente aleatória, pois em determinado momento o falante usa uma ou outra alternativa, sem necessariamente querer indicar qualquer diferença de significado com a escolha (GUY e ZILLES, 2007, p. 135).

A visão de língua como um sistema que possui uma heterogeneidade sistemática prioriza uma análise linguística voltada para explicar modos semanticamente equivalentes de se dizer a mesma coisa. O que significa dizer que os fonemas podem ter diferentes realizações fonéticas que se alternam no mesmo contexto linguístico, levando em conta o princípio de que a escolha entre as formas que se alternam entre si, as variantes, se dá a partir de influências internas e externas. Falaremos disso mais adiante.

Segundo Gomes (1986), o entendimento da possibilidade da heterogeneidade sistemática da língua, que parece ser parte da natureza da linguagem humana, definida em Weinreich et al. (2006), data dos teóricos estruturalistas que reconheceram as diversas realizações fonéticas de um fonema num mesmo contexto linguístico, os alofones em variação, como parte integrante da organização do subsistema fonológico. Dessa forma, é de se esperar que existam diferentes realizações fonéticas para uma mesma unidade fonológica em um mesmo contexto dentro de uma mesma comunidade. Gomes (1986) ainda argumenta que a

ocorrência das variantes de uma variável fonológica pode estar correlacionada a pressões ou efeitos da mesma natureza, compartilhando uma série de propriedades fonéticas.

A nossa variável é o /R/, de acordo com Silva (1999). A posição da variável na sílaba é a coda. Selecionamos como fator linguístico o ambiente seguinte, que pode ser a classe da consoante seguinte quando em meio de palavra e quando em final de palavra. A visualização de alguns exemplos pode clarear um pouco o que acabamos de dizer. Tivemos um total de 595 ocorrências com as duas variantes associadas às restrições linguísticas e extralinguísticas, codificadas apropriadamente de modo a facilitar a interpretação quantitativa.

1) [ˈkaR.ta]	[ˈkaɹ.ta]	‘carta’
2) [oR.ˈgu.ɫu]	[oɹ.ˈgu.ɫo]	‘orgulho’
3) [kaR.pinˈteiru]	[kaɹ.pinˈtejru]	‘carpinteiro’
4) [ˈkɔR.da]	[ˈkɔɹ.da]	‘corda’
5) [poR.ˈke]	[poɹ.ˈke]	‘porque’
6) [ˈmaR]	[ˈmaɹ]	‘mar’

Os exemplos mostram exatamente o ambiente linguístico que analisamos, o contexto seguinte quando em meio de palavra e quando em final de palavra. Os exemplos estão transcritos foneticamente, mostrando todas as variações possíveis para a nossa variável investigada, que é o /R/ pós-vocálico.

3.4 As variáveis independentes

Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é irregular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico (MOLLICA, 2007, p. 26).

A nossa variável independente interna é o ambiente seguinte, que pode ser a classe da consoante seguinte (exemplos 7) e 8)), e o silêncio em final de palavra, (exemplo 9)).

7) [kɔR. 'ta.va]	[kɔɹ. 'ta.va]	'cortava'
8) [apɛR.'ta.do]	[apɛɹ.'ta.do]	'apertado'
9) ['maR]	['maɹ]	'mar'

Tanto as variáveis linguísticas como as não linguísticas não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas semanticamente equivalentes. Por exemplo, em nossa pesquisa temos agentes como a escolarização que permite um grau diferente na fala da variedade prestigiada, mas isso não implica dizer que pessoas escolarizadas não produzam a realização que estamos estudando. Os nossos dados nos revelam que tanto o escolarizado como o não escolarizado produzem, com uma grande diferença. Na verdade, a variante foco da pesquisa se faz presente na fala dos escolarizados apenas em contextos informais, ao contrário dos não escolarizados, que a realizam independentemente do contexto.

Constatamos que a escolarização está sendo um dos agentes, senão o mais relevante com um maior grau de influência sobre os falantes quanto à apropriação da norma de prestígio, fazendo com que falantes mais jovens que têm o efeito da escolarização já não realizem a variante que estamos analisando.

Sobre variáveis sociais, Paiva e Scherre (1999) observam que:

A busca de variáveis sociais não convencionais para o entendimento da variação linguística em uma sociedade tão complexa como a brasileira, em que a categorização por classe social segundo parâmetros como renda, local de moradia, escolarização e profissão não é claramente delimitada, tem motivado o controle de aspectos mais sutis da ambientação material e cultural dos indivíduos e do seu grau de integração aos valores veiculados pelos meios de comunicação e massa. Concebidas na forma de escalas que controlam a relação quantitativa e qualitativa dos falantes com os produtos culturais (como mídia televisiva e escrita, cinema, teatro e outros) sua posse de bens materiais disponíveis no mundo moderno (apartamentos, carros, telefones, viagens etc.) e suas expectativas em relação ao futuro, variáveis como bens materiais, bens culturais e motivação vêm insinuando uma outra forma de exame de variação

sociolinguística. Conjugadas com as mais convencionais, como idade, sexo e escolarização, essas variáveis mais refinadas permitem detectar tendências divergentes no interior da mesma comunidade de fala. Revela-se, portanto, estreita correlação entre a complexidade social e os processos de variação (PAIVA; SCHERRE, 1999, pp. 220-21).

As variáveis independentes externas estabelecidas para esta pesquisa foram as seguintes: sexo, faixa etária e escolaridade, que são descritas a seguir.

3.4.1 Sexo

Existem vários estudos que comprovam que homens e mulheres falam de forma diferente. Diferenciam-se na voz, no ritmo, as mulheres preferem conjunto de vocábulos, digamos, mais prestigiados pela sociedade. De maneira geral, as mulheres têm sido consideradas mais conservadoras, ou melhor, fazem uso de formas mais prestigiadas que os homens.

É extensa a literatura que trata da variante sexo (masculino e feminino). Dentro da pesquisa sociolinguística, a fala da mulher tem se mostrado mais cuidadosa, como afirma Chambers (1995). Dezenas de estudos de caráter variacionista (LABOV, 2008; PAIVA, 1992; ECKERT, 1995; SCHERRE, 1996; SILVA, 1996; entre outros) revelaram que as mulheres fazem uso mais expressivo do que os homens, tanto no que tange aos usos de prestígio, quanto no que diz respeito à divulgação de formas inovadoras.

Labov (2008) chama a atenção para o cuidado que se deve ter com a variável em questão, pois, ainda que o sexo possa exercer influência na escolha de determinado uso linguístico, outros fatores podem interagir com essa variável. Neste estudo, esta variável parece mostrar-se relevante. Antes acreditávamos que não seria, mas de acordo com uma contagem manual que foi feita das realizações na fala de homens e mulheres entrevistados, chegamos à conclusão que essa variável poderia ser importante para os resultados porque a numeração de ocorrências tanto para homens como para mulheres deu resultados muito diferentes. Daí,

resolvemos considerá-la e rodá-la junto com as outras variáveis para obter um resultado mais satisfatório.

Já sabemos que diversas pesquisas revelam a mulher como conservadora e/ou propagadora da mudança. As diferenças linguísticas devida ao fator sexo surgem porque a língua como um fenômeno social está intimamente relacionada a atitudes sociais.

3.4.2 Faixa etária

A faixa etária, em uma pesquisa sociolinguística, tem o objetivo de avaliar com base em dados de tempo aparente se a variação linguística está configurando uma mudança em progresso ou uma variação estável. Os estudos linguísticos ideais seriam os de tempo real em que um grupo de pessoas seria entrevistado em uma determinada época e, em um intervalo de dez ou vinte anos, esse mesmo grupo seria re-entrevistado.

Obviamente, este tipo de pesquisa envolve vários tipos de dificuldades. Contudo, Labov (2008) introduziu os estudos de tempo aparente em que é feito um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes. Teoricamente, um grupo de pessoas de diversas faixas etárias é entrevistado em um ponto específico no tempo, os dias de hoje, por exemplo. Esse tipo de estudo analisa a fala de uma pessoa de 40 anos que, conseqüentemente, reflete a fala de vinte anos atrás e compara com um falante de 20 anos hoje. Com dados de tempo aparente, podemos observar se uma variação é estável ou em progresso. Se a variação é estável, haverá um equilíbrio entre jovens e medianos em relação à realização da fricativa glotal [h]; se a variação configura uma mudança em progresso, apenas os mais velhos estarão realizando uma “aproximante retroflexa”.

A faixa etária foi dividida em três faixas distintas, de modo a caracterizar três gerações dentro da mesma comunidade, o que permite observar os prováveis processos de mudança em curso no tempo aparente. (LABOV, 2008).

A seleção da faixa etária foi, então, assim definida:

- a) faixa 1: indivíduos de 15 a 30 anos
- b) faixa 2: indivíduos de 31 a 50 anos
- c) faixa 3: indivíduos com mais de 50 anos

3.4.3 Escolaridade

O papel da variável escolaridade já fora apontado por uma diversidade de estudos sociolinguísticos (SCHERRE, 1996; SILVA et al., 1991) e, por isso, foi considerada também em nossos estudos, com o objetivo de verificar a sua relevância no uso das variantes, com destaque para a retroflexa /ɺ/.

Pesquisas revelam que a escolaridade é um fator relevante. Em geral, observa-se a relação direta entre escolarização e uso de formas de prestígio. Para a massa populacional, pessoas que falam de forma desprestigiada são tidas como pessoas que não têm escolaridade e as que utilizam formas de prestígio são consideradas escolarizadas. Estudos revelam que não é bem assim. Em nossa pesquisa, por exemplo, pessoas que falam [kaʃta], [poɻdahua] não falam dessa maneira porque não conhecem a língua culta, mas porque o sistema linguístico permite essa variação. É verdade que existe quem fala assim porque nunca foi à escola, e por isso sua língua é considerada “feia”, “pobre” e “carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.

Em relação a nossa pesquisa, já esperávamos que a variável escolaridade fosse se destacar, uma vez que a escola se faz presente na vida da maioria dos nossos informantes, fazendo com que a variação estudada esteja passando por um processo de mudança. Os nossos informantes foram divididos em escolarizados e não escolarizados. Optamos por essa divisão porque, além da comunidade estudada ser muito pequena, ainda não há um número considerável de informantes com nível superior que pudéssemos considerar a ponto de dividir a

variável escolaridade em 3 níveis. Daí, decidimos trabalhar apenas com dois grupos de informantes: escolarizados, incluindo todos aqueles com qualquer nível de escolaridade, e os não escolarizados, sem qualquer grau de instrução.

3.5 O *corpus* e a coleta dos dados

A Linguística estava definida de modo que excluía o estudo do comportamento social ou o estudo da fala. Ao enfatizar o caráter empiricista do variacionismo, Labov (2008) fala de quatro aspectos que dificultam a investigação da fala espontânea cotidiana e que explicam com clareza a motivação que, no passado, insistia em estudar unicamente a língua e a competência, excluindo, dessa forma, toda e qualquer variabilidade presente na língua.

A Sociolinguística Variacionista é, portanto, empírica, obtém dados científicos reais, e baseia sua teoria nos fatos linguísticos, e não em especulação ou na intuição.

Além disso, é importante obter o discurso livre do falante, o vernáculo, o mais natural possível. O objetivo da investigação linguística na comunidade é averiguar como as pessoas falam quando não são examinadas sistematicamente. Para isso, é preciso observar o informante sem que este perceba que está sendo observado. É a chamada observação sistemática. Mas como estudar a língua em situações naturais de comunicação? Como, então, coletar uma vasta quantidade de material, sem que a presença do pesquisador interfira na naturalidade da situação de comunicação? É o chamado paradoxo do observador. A Sociolinguística tem desenvolvido técnicas para obter amostras de fala o mais natural possível e várias formas do pesquisador se fazer presente ou não na comunicação. Ou melhor, saber lidar com este problema.

Para constituir o nosso *corpus*, pensamos em todos os tipos de contato: interações livres, entrevistas e testes. De início, utilizamos todos, mas infelizmente não obtivemos um bom resultado com os testes. Sabemos que as interações livres, técnicas mais utilizadas para análise da conversação, consistem em uma gravação de dois ou mais interlocutores interagindo

e, desse modo, não serviria para a nossa pesquisa. Mas, ao contrário do que se pensa, obtivemos em alguns casos um bom resultado com este tipo de contato.

Em relação aos testes, não foi tão satisfatório porque tivemos falantes que se policiaram de mais no momento do teste. Elaboramos testes induzidos para a nossa pesquisa. Como estávamos pesquisando a realização do /R/, fizemos perguntas do tipo: “com que meio de transporte o pescador vai ao mar?” ou “qual o contrário de longe?”. Esperando que na primeira pergunta o informante respondesse: barco. Houve informante que respondeu todo tipo de meio de transporte, menos esse. Na segunda pergunta, esperávamos palavras como “perto”, “corda” e foram ditas, mas muitos com a realização padrão. Na verdade, esses testes foram bons, mas não funcionaram como as entrevistas, por isso que foram descartados.

Levando em conta também este fato, resolvemos trabalhar apenas com as entrevistas, visto que é o processo mais habitual dos procedimentos sociolinguísticos, sendo, dessa forma, o mais vantajoso para a pesquisa da maioria dos fenômenos linguísticos. A entrevista consiste numa conversa mais informal possível entre o pesquisador e seu informante.

Como já foi citado, um dos maiores problemas metodológicos da pesquisa variacionista é como coletar a fala espontânea dos usuários de uma dada variedade de língua, sem inibi-los com a presença do próprio pesquisador.

Foi pensando nessas dificuldades que Labov (2008) sugeriu estratégias que possam quebrar a formalidade e o constrangimento que, normalmente, estão presentes em situações de entrevistas, de modo que o entrevistado diminua seu grau de atenção ao que está sendo dito e o vernáculo possa emergir naturalmente. Segundo Labov, as narrativas espontâneas são as mais utilizadas em trabalhos que têm como objeto de estudo a fala. Uma boa estratégia é formular entrevistas pautadas em questões que envolvam algum grau de emoção do informante com o assunto que estiver sendo discutido. No nosso caso, falar sobre a história da comunidade foi um tema bastante estimulante para os falantes mais velhos. Obtivemos um total de 48

entrevistas e estas foram feitas em diversos lugares (fomos até onde se encontrava o nosso informante, em sua casa, na rua, em grupos particulares, como grupo de jovens religiosos). Não determinamos a duração. Na verdade, nosso objetivo foi detectar se a variante desconhecida era frequente e se ocorria reiteradamente no curso da conversação natural espontânea da entrevista, independente do tempo.

Uma vez obtidos os dados, passamos para o seguinte passo, que consiste em editá-los e organizá-los com a finalidade de facilitar a análise e interpretação.

3.6 Critérios de transcrição dos dados

Transcrever dados não tem nada de trivial, requer tempo e uma série de decisões por parte do pesquisador, uma vez que para muitos pesquisadores, este processo pressupõe uma pré-análise dos dados, na medida em que seu posicionamento teórico preestabelece, muitas vezes, a própria unidade de análise a ser considerada. Isso é importante não só no sentido de nortear a transposição dos registros orais para uma forma gráfica, mas também no sentido de que este mesmo registro possa vir a ser útil para pesquisas futuras.

É muito difícil ser 100% fiel aos dados. Mas esse é o objetivo de toda transcrição.

Segundo Paiva (1998), antes de dar início a qualquer processo de transcrição, é necessário delimitar com clareza o grau de detalhamento da transcrição visada. Que aspectos serão sempre e sistematicamente registrados? Quais aspectos serão ignorados? Evidentemente, essa decisão não é aleatória e deve ser justificada.

Muitas pesquisas adotam o sistema ortográfico do português, independentemente da pronúncia efetiva para transcrever seus dados. Nós também adotamos esse sistema para transcrever nossos dados, dando destaque para o nosso foco de análise e descrevendo-o de acordo com o IPA (Alfabeto da Associação Internacional de Fonética).

Segundo Paiva (1998), toda transcrição pressupõe uma pré-análise dos dados, na medida em que nosso posicionamento teórico pré-estabelece, muitas vezes, a própria unidade de análise a ser considerada (a sentença, a unidade entoacional, um fenômeno fonético, o turno conversacional). O pesquisador tem que ser consciente de que é preciso assumir uma postura teórica para realizar transcrições, isso o ajudará tanto para seu trabalho atual como lhe será útil para trabalhos futuros e diversificados. E, além disso, é a orientação teórica do pesquisador e os seus objetivos que modelam previamente um conjunto de convenções (um sistema de transcrição) que norteará a transcrição dos registros orais para uma forma gráfica. É esse sistema de convenções que garantirá um mínimo de consistência no processo de transcrição dos dados da fala.

CAPÍTULO IV

ESTRATIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA E SOCIAL DE /R/ NA COMUNIDADE LINGÜÍSTICA DE PORTO DA RUA

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Têm-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas em força, como a maior parte das posições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, lingüística e social (MEILLET, 1906, citado em Alkmim 2004 p. 24).

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos no presente estudo. Discutiremos e apresentaremos os resultados das análises com as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que influenciam a variação.

Para este estudo, precisamos de dois tipos de análises, uma de cunho inerentemente lingüístico e outra de cunho sociolingüístico. Para a análise sociolingüística, como já dissemos, seguimos os procedimentos e métodos propostos pela teoria da variação, a fim de verificar quais fatores sociais seriam relevantes para a variação e determinar as probabilidades de mudança. Para tanto, utilizamos para a quantificação dos dados, um programa desenhado com esta finalidade, como é o pacote VARBRUL. Realizamos uma análise binária, apresentando duas variantes, a fricativa glotal surda e a variante em estudo. É importante frisar que para esta análise o valor de referência é (.50). Ou seja, valores menores que (.50) não são relevantes, valores iguais a (.50) são considerados neutros e valores maiores que (.50) são considerados relevantes. Nesta análise, todos os fatores foram considerados significativos.

4.1 Encaixamento linguístico

A Tabela 1 revela dados sobre a distribuição das variantes conforme a classe da consoante seguinte e quando em coda final. Nessa Tabela, analisamos a classe das oclusivas e das fricativas na intenção de observar qual dessas classes influenciaria mais a realização da aproximante pós-alveolar. Vejamos o que revelam os dados.

	[h]			[ʔ]			Total
	Nº	%	P.	Nº	%	P.	
Fricativa	84	99	.97	1	1	.3	85
Oclusiva	27	77	.35	8	23	.65	35
Coda final	376	79	.36	99	21	.64	475
Total	487			108			595

Tabela 1: Distribuição das variantes conforme a classe da consoante seguinte e quando em coda final.

Durante toda a coleta observamos quais classes de consoantes estariam influenciando ou não a realização da variante em análise, a aproximante pós-alveolar e, concluímos que a classe das fricativas obteve um percentual de 1% e um peso relativo igual a (.3), a classe das oclusivas atingiu um percentual igual a 23% e um peso relativo igual a (.65) e em coda final um percentual de 21% e um peso relativo igual a (.64). Observamos que os dois últimos fatores se aproximam quanto ao peso relativo. Mas a oclusiva favorece mais a realização da aproximante. Observando a realização da fricativa glotal surda **[h]**, percebemos que as duas classes de consoantes e quando em coda final influenciam a sua realização. Não foi possível fazer a rodada no programa com as demais classes porque ocorreram nocautes, o que significa dizer que não há variação. Ilustramos melhor esta análise com o gráfico a seguir.

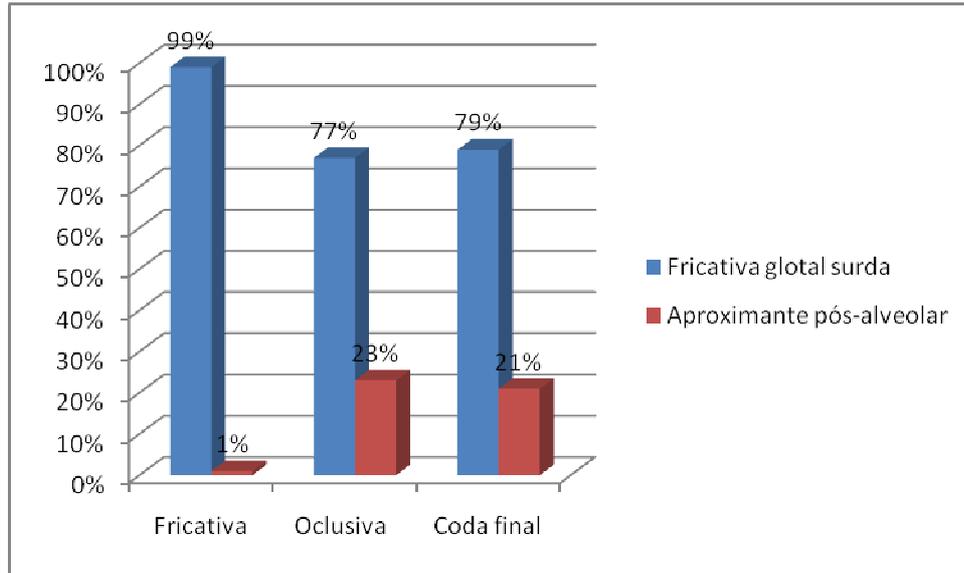


Gráfico 1: Contexto seguinte e coda final

No gráfico, podemos ver melhor o que revelou a tabela anterior. De fato, os dados apontam um destaque para a fricativa glotal surda. A aproximante pós-alveolar obteve um percentual igual a 1% para as fricativas, 23% para as oclusivas e 21% para coda final. Embora tenhamos obtidos valores muito aproximados, podemos ver que a classe das oclusivas se sobressai favorecendo a realização dessa variante.

As fricativas, as oclusivas e quando em coda final se destacaram positivamente em relação à fricativa glotal surda, respectivamente temos: 99% para as fricativas, 77% para as oclusivas e 79% para coda final.

Entretanto, deve-se observar que a aproximante pós-alveolar embora pareça estar perdendo a luta para a fricativa, sua realização é favorecida pelo fator ambiente seguinte quando nesse ambiente existe uma oclusiva.

4.2 Encaixamento extralinguístico

Nesta seção, passamos a analisar os resultados referentes às variáveis não linguísticas: sexo, escolaridade e faixa etária.

4.2.1 A variável sexo

Decidimos analisar a variável sexo porque acreditávamos que ela seria importante para nossa pesquisa. Acreditávamos que a mulher estaria agindo de forma inovadora, vejamos o que dizem os dados.

	[h]			[ɟ]			Total
	Nº	%	P.	Nº	%	P.	
Masculino	217	74	.37	78	26	.63	295
Feminino	270	90	.63	30	10	.37	300
Total	487			108			595

Tabela 2: Distribuição das variantes conforme a variável sexo

Como podemos constatar na Tabela 2, a fricativa glotal surda **[h]** está correlacionada positivamente aos dois sexos, tanto em relação à frequência, com 74% para o homem como com 92% para a mulher, quanto ao peso relativo, temos (.37) para o homem e (.63) para a mulher. Em relação à aproximante pós-alveolar, foram os homens que se correlacionaram positivamente com a variante, com uma frequência de 26% de ocorrência e um peso relativo de (.63) em contraposição às mulheres, que se correlacionaram com uma frequência de 10% e um peso relativo de (.37).

Segundo Hora (2003), a literatura pertinente tem salientado o papel da mulher como elemento inovador. Na comunidade estudada, a variante inovadora é a fricativa glotal surda. Sendo assim, a hipótese pertinente da literatura se confirma, pois a fricativa glotal surda é

favorecida pelas mulheres. O que podemos avaliar em relação à variável estudada é que o sexo feminino tornou-se o mais inovador, visto que a variante tida como estigmatizada não está mais tão frequente em sua fala, mas na fala dos homens. Observemos o gráfico relativo a esta Tabela.

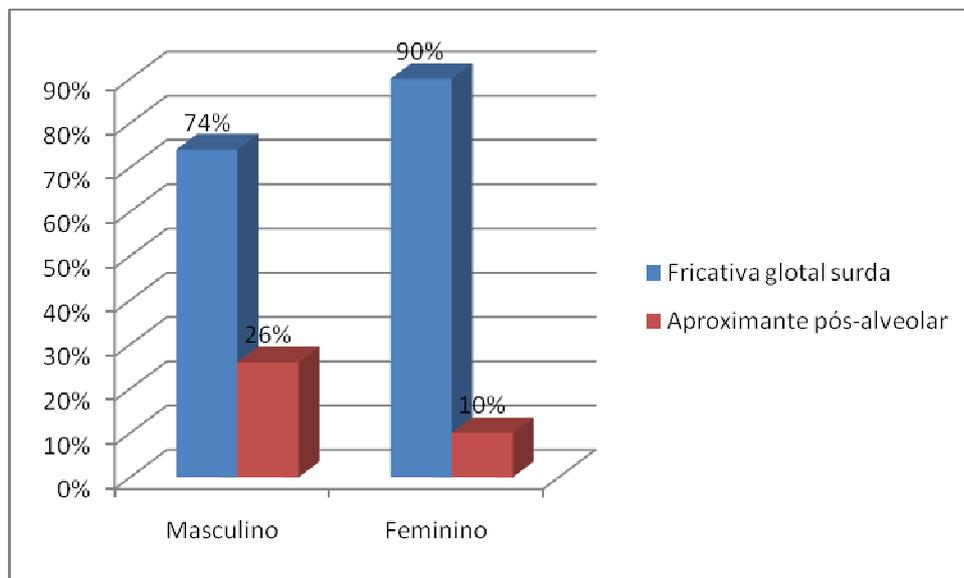


Gráfico 2: Variável sexo

A leitura do Gráfico 2 permite-nos fazer as seguintes observações sobre as variantes encontradas na amostra:

- i) Quanto à fricativa, o gráfico mostra que as mulheres a realizam mais que os homens, atingindo uma frequência de 90%;
- ii) Em relação à aproximante, há uma inversão, pois são os homens que a realizam com mais frequência;

Daqui, podemos fazer algumas inferências: as mulheres preferem a variante de prestígio, muito mais que os homens, e são elas, na maioria das vezes, responsáveis pela formas inovadoras dentro de uma comunidade. Enquanto a aproximante pós-alveolar, ocorre mais entre os homens.

De fato, a variável sexo se mostrou relevante neste estudo, o que antes não acreditávamos que aconteceria. Isso confirma mais uma vez a tese de Labov (2008) quando diz que o sexo pode exercer influência na escolha de um determinado uso linguístico, mesmo que outros falantes possam interagir com a variável em questão.

O gráfico mostra de forma mais clara que a mulher realmente se sobressaiu em relação ao homem quanto à realização da fricativa, variante considerada padrão.

4.2.2 A variável escolaridade

A variável escolaridade também foi analisada com o intuito de saber se estaria influenciando ou não a variação.

	[h]			[ɮ]			Total
	Nº	%	P.	Nº	%	P.	
Escolarizados	442	93	.63	32	7	.37	474
Não escolarizados	45	37	.10	76	63	.90	121
Total	487			108			595

Tabela 3: Distribuição das variantes conforme a escolaridade

Na Tabela 3, onde estão sendo analisados os resultados das variantes com o fator escolaridade, observamos que os informantes não escolarizados favorecem a realização da aproximante pós-alveolar, com uma frequência de 63% e um peso relativo igual a (.90) em contraposição aos escolarizados, com uma frequência de 7% e um peso relativo de (.37). Os falantes escolarizados favorecem a realização da fricativa glotal surda com uma frequência de 93% e um peso relativo igual a (.63). Na verdade, já esperávamos um resultado como este, pois a escola se faz presente a cada dia na vida da maioria desses informantes, principalmente na vida dos jovens e dos medianos, conforme mostra o gráfico a seguir.

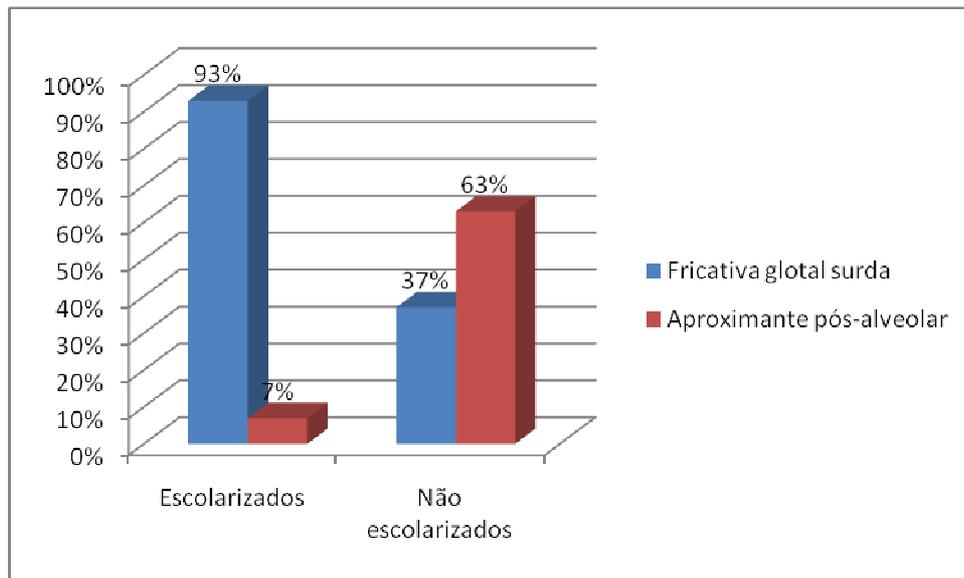


Gráfico 3: Variável escolaridade

De fato, houve uma relevância muito grande da variável escolaridade para nossa pesquisa, como podemos observar:

i) em relação à aproximante pós-alveolar, o gráfico mostra que os não escolarizados tendem a realizá-la muito mais que os escolarizados;

ii) quanto à fricativa, são os escolarizados que a realizam mais e com um número bem significativo, atingindo uma frequência de 93%..

Pelo que conhecemos da comunidade, a realização da variante de Porto da Rua, a aproximante, é muito antiga e a maioria dos informantes que a utilizam não teve acesso à escola. Notamos anteriormente que pesquisas revelam que existe uma relação direta entre escolarização e uso de formas de prestígio. De fato, os nossos dados revelam que isso faz sentido. O que não faz sentido é estigmatizar uma forma só porque quem a realiza nunca passou por uma sala de aula. Ou melhor, quem a realiza não tem um *status* social esperado pela sociedade. Já foi comprovado que o valor da variante não está nela mesmo, mas em quem a realiza.

Porto da Rua é uma comunidade muito humilde. Antigamente, a escola não tinha a extensão que tem hoje, melhor dizendo, nem todos tinham acesso à escola, embora ela sempre tenha sido pública. Os mais velhos hoje, como veremos a seguir, não tiveram a chance de ser escolarizados, enquanto que as crianças, hoje, já entram na escola a partir de seis anos de idade. Não estamos aqui dizendo que se todos tivessem tido acesso à escola, todos falariam de acordo com a gramática normativa. Não se trata disso. Mesmo porque a gramática normativa não é a língua. Isso significa que mesmo que a escola exerça seu papel de ensinar as normas da gramática, ela não pode esquecer que o sistema linguístico independe da gramática. O preconceito linguístico surge dessa confusão em não saber separar língua de gramática normativa.

Tenhamos em mente que a nossa análise revela, como mostram gráfico e tabela, que todos realizam a aproximante pós-alveolar, embora os não escolarizados saiam na frente em relação ao uso. O mais interessante é saber que esses informantes que realizam a aproximante pós-alveolar têm consciência de como ela é vista pela sociedade¹², mas mesmo assim não se preocupam. Outro dado que nos chamou atenção é que a maioria dos informantes faz uso das duas formas. A diferença é que os escolarizados se polícionam de acordo com o contexto, o que não acontece com os não escolarizados.

4.2.3 A variável faixa etária

Por fim, analisamos a variável faixa etária para também descobrir se ela estaria influenciando na variação.

¹² Existe uma estigmatização em relação ao uso da aproximante pós-alveolar dentro da comunidade, mas isso não foi testado em nossa pesquisa.

	[h]			[ɰ]			Total
	Nº	%	P.	Nº	%	P.	
F1	277	97	.78	9	3	.22	286
F2	150	90	.38	16	10	.62	166
F3	60	42	.12	83	58	.88	143
Total	487			108			595

Tabela 4: Distribuição das variantes conforme a faixa etária

A Tabela 4 revela que o uso da aproximante pós-alveolar está sendo liderado pelos informantes com mais de 50 anos de idade, com uma frequência de 58% e um peso relativo de (.88), em contraposição aos mais jovens, com uma frequência de 3% e um peso relativo de (.22). Observamos que os medianos se destacam quanto ao peso relativo, com um valor igual a (.62) para a realização da variante em estudo. Os mais jovens se destacam com uma frequência de 97% e um peso relativo igual a (.78) em relação à fricativa glotal surda.

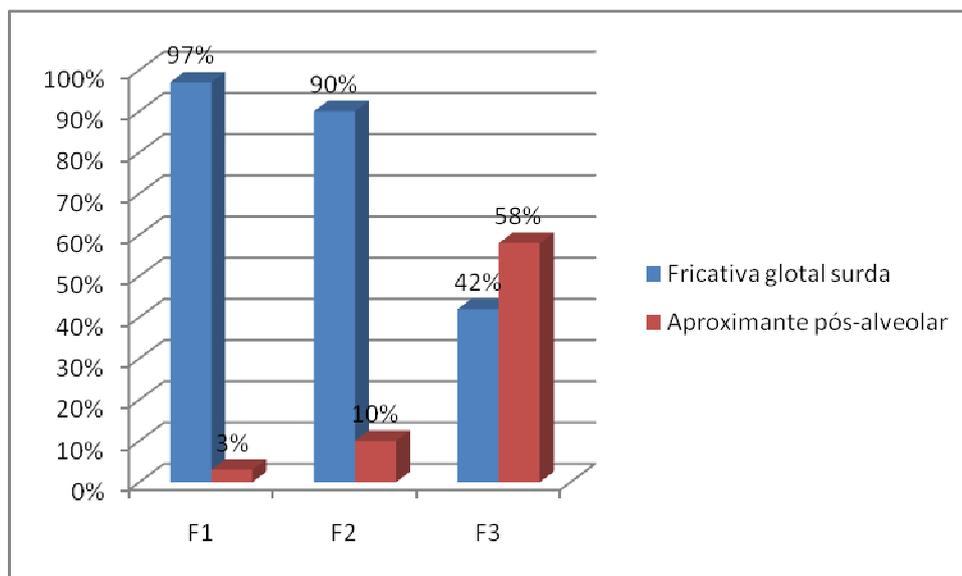


Gráfico 4: Variável faixa etária

Inferimos dessa análise em tempo aparente que os mais velhos realizam mais a aproximante pós-alveolar. Pois os jovens realizam mais a fricativa glotal surda. Todavia, segundo Labov (1994), a representação por faixas etárias pode não representar mudanças na comunidade, mas sim um padrão de gradação etária, que se repete a cada geração. O que significa dizer que a mesma variante que está sendo realizada hoje pelos mais velhos, pode vir a ser realizada futuramente pelos jovens de hoje, que conseqüentemente serão os mais velhos de amanhã. Acreditamos que essa variante pode ser uma marca característica da comunidade.

Se relacionarmos as variáveis faixa etária e escolaridade, constataremos que a aproximante pós-alveolar é influenciada de modo bem significativo por essas duas variáveis, indicando que tanto os mais velhos quanto os não escolarizados (que podem estar dentro do mesmo grupo de informantes) são os responsáveis pela alta ocorrência da variante. Mas não são apenas os mais velhos e os não escolarizados que são os responsáveis pela propagação da variante, os mais velhos e não escolarizados realmente se sobressaem, mas os informantes entre 31 e 50 anos e até os mais jovens convivem diariamente com essa tal realização, ou seja, eles também a realizam frequentemente. Mas, infelizmente, não foi isso que constatamos em nossos dados. Delineia-se desse resultado a necessidade de se fazer uma coleta de dados com instrumentos mais efetivos e mais bem cuidados. A seguir mostramos a Tabela do cruzamento dessas variáveis comentadas.

Escolaridade	Escolarizados		Não - escolarizados	
	[h]	[ɰ]	[h]	[ɰ]
F1	97%	3%	92%	8%
F2	93%	7%	0%	100%
F3	73%	27%	24%	76%

Tabela 5: Cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade

Relacionando as variáveis escolaridade e sexo, constatamos que tanto uma quanto a outra variável influencia de modo bem significativo o uso da aproximante pós-alveolar, considerando o sexo masculino e os falantes não escolarizados. Ao contrário da variante fricativa onde temos as mulheres e os escolarizados a realizando com mais frequência.

Escolaridade	Escolarizados		Não – escolarizados	
Sexo	[h]	[ɹ]	[h]	[ɹ]
Masculino	88%	12%	29%	71%
Feminino	98%	2%	49%	51%

Tabela 6: cruzamento das variáveis escolaridade e sexo

Neste cruzamento, a fricativa glotal surda está positivamente ligada às mulheres escolarizadas, ficando com os homens não escolarizados o uso da aproximante pós-alveolar, com um percentual de 71%. O que significa dizer que a variante desconhecida está para os homens não escolarizados, assim, como a fricativa glotal surda está para as mulheres escolarizadas.

Por fim, relacionamos as variáveis sexo e faixa etária e também constatamos que os homens mais velhos de fato realizam mais a aproximante pós-alveolar.

Sexo	Masculino		Feminino	
Faixa etária	[h]	[ɹ]	[h]	[ɹ]
F1	93%	7%	99%	1%
F2	92%	8%	88%	12%
F3	30%	70%	62%	38%

Tabela 7: cruzamento das variáveis sexo e faixa etária

4.3 Comparação com outros estudos

São diversos os estudos realizados sobre a presença do rótico no português brasileiro, principalmente as relacionadas ao contexto em que eles ocorrem variavelmente. Estas pesquisas datam da primeira metade do século XX, algumas com orientação variacionista e outras não. Em seu trabalho, Callou et al. (1996) analisaram ocorrências do /r/ em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife – Projeto NURC) em posição pós-vocálica no interior e no final da palavra. Eles concluíram que o uso da vibrante alveolar é mais forte em Porto Alegre e São Paulo; o da fricativa velar mais forte em Salvador e no Rio de Janeiro; e o da aspirada em Recife. Para os autores, Porto Alegre e São Paulo corresponderiam ao início do processo de mudança, Salvador e Rio de Janeiro estariam em um estágio intermediário e Recife já estaria em um nível mais avançado.

Observamos que o trabalho desses autores desencadeou numa mudança linguística, o que ainda não podemos confirmar em relação ao nosso, uma vez que nossos dados nos revelaram uma possível mudança sim, mas precisaríamos de uma coleta e uma análise mais acurada.

CONCLUSÃO

Para essa dissertação tomamos como objeto de investigação realização da variável /R/ em posição de coda silábica na variedade de Português falado em Porto da Rua, litoral norte de Alagoas, com base metodológica da Teoria da Variação e Fonologia Gerativa, tomando como parâmetro os traços distintivos.

Todas as nossas coletas foram realizadas nos moldes conversacionais de Labov (2008). Coletamos 595 ocorrências, distribuídas em duas variantes de /R/: a fricativa glotal surda e a aproximante pós-alveolar. Para a análise quantitativa dos dados, usamos o programa computacional GOLDVARB, no qual inserimos as ocorrências devidamente codificadas segundo as restrições controladas.

A análise partiu do pressuposto que restrições linguísticas e não linguísticas motivariam mudanças no comportamento do /R/ em posição de coda. Nesse *corpus*, as restrições controladas foram sexo, escolaridade e faixa etária e como restrição linguística foi a consoante seguinte, ou melhor, o ambiente seguinte.

Diante do resultado dos dados segundo o fator linguístico, foi favorável à existência da variação. Uma de nossas hipóteses era que o ambiente seguinte, que pode ser a classe da consoante seguinte quando em meio de palavra, seria um dos condicionadores linguísticos da realização da variante em estudo. Analisamos todas as consoantes seguintes que se apresentaram nos dados e verificamos que as oclusivas se destacaram por terem tido uma atuação quase categórica em relação às demais consoantes em relação ao condicionamento, sendo as consoantes [t e d] as que mais influenciam a realização da aproximante pós-alveolar.

Quanto aos fatores não linguísticos, ressaltamos a relevância de todos eles. Nossos dados revelaram que o sexo feminino está para a variante fricativa assim como o masculino está para a aproximante pós-alveolar. Pesquisas revelam que as mulheres preferem a variante de prestígio, muito mais que os homens. E essa revelação foi confirmada em nosso trabalho.

Em relação ao fator escolaridade, este também teve seu destaque em nossas observações. Os dados revelaram que os não escolarizados realizam mais a aproximante retroflexa e os escolarizados a fricativa glotal surda. Por fim, temos o fator faixa etária, que nos revela uma possível mudança ou uma gradação etária na comunidade pesquisada. Em relação à mudança, dizemos isso porque a faixa etária 1 (de 15 a 30 anos) obteve um percentual muito baixo para a variante pós-alveolar. Referimo-nos à gradação etária porque na medida em que a porcentagem da aproximante pós-alveolar sobe, a porcentagem da fricativa desce. O que pode significar uma característica da comunidade. Existe aí uma diferença clara de gerações em que se pode dizer que há uma realização de “mais aproximante” pelos mais jovens e “menos aproximante” pelos mais velhos. Melhor dizendo, entre diferentes gerações, algo que se poderia chamar de “mais aproximante”.

Diante do exposto, faz-se necessário um retorno à comunidade daqui a alguns anos para coletar novos dados com os mesmos jovens e comparar os resultados para, então, concluir se se trata de uma mudança linguística ou não. Mas desde já sabemos que:

- i) a variante encontrada em Porto da Rua, foco do nosso estudo é, provavelmente, um som novo, diferente de todos os róticos já descritos para o Português Brasileiro, ou seja, uma aproximante pós-alveolar;
- ii) as consoantes [t e d] foram as que mais influenciaram a realização da aproximante pós-alveolar. No ambiente estudado, o /R/ assimila traços de [t e d] e [t e d] também assimila traços de /R/;
- iii) a variante em estudo pode estar passando por um processo de mudança linguística, uma vez que os mais jovens já não a realizam;

Ter estudado um pouco sobre Porto da Rua foi de suma importância para estabelecermos uma relação entre esta comunidade e a Sociolinguística, teoria que baseou esta pesquisa. É sabido que a Sociolinguística lida com dados de fala, ou melhor, aspectos

resultantes da relação entre língua e sociedade, concentrando-se em especial na variabilidade social da língua. A comunidade pesquisada apresentou aspectos relevantes para a Sociolinguística, como a variação de /R/ presente na fala de homens e mulheres alfabetizados ou não, pudemos perceber que a mudança de gerações é bastante significativa influenciando a variação, tais como outros fatores sociais que apresentam maiores poderes de influência, como a escolaridade, o sexo e a faixa etária, fatores estes bastantes significativos para a teoria e também para a nossa análise. Através desse estudo, pudemos perceber a existência de fato da heterogeneidade tão pregada por Labov, ou seja, o uso que essa comunidade faz da língua.

O estudo foi mais uma descrição de um aspecto do Português do Brasil, o que é de importância para os estudos linguísticos de modo geral e uma pequena contribuição para a compreensão da verdadeira configuração dessa língua no território brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte 1. In: BENTES, Ana Cristina e MUSSALIN, Fernanda. *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALENCAR, M. S. M. Variação dos fonemas /r/ e /ʁ/ no falar de fortaleza. Artigo, UFC, 2007
- BENTES, A. C. e MUSSALIN, F. *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* (org.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CAGLIARI, G. ; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: BENTES, A. C. e MUSSALIN, F. *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística. Parte 2. In: BENTES, A. C. e MUSSALIN, F. (orgs.). *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CAMPOY, J. e ALMEIDA, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Editorial Comares, 25.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CALLOU, D. et al. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil*. In: KOCH, I. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, UNICAMP, 1996.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1965.
- DUARTE, M. E. L. e PAIVA, M. da C. A. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH et AL. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.
- DA HORA, D. e MONARETTO, V. N. *Enfraquecimento e apagamento de róticos*. In: DA HORA, Dermeval; COLLISCHONN, G. (Org.) *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003. p. 114-143.
- FARACO, C. A. *Português: língua e cultura*. Curitiba: Base Editora, 2003.
- FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Cambridge University Press, 1994.
- FRAGA, L. *O português falado em Carambeí/PR: considerações iniciais de estudo fonológico*. In: CIEL, III, Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.
- GOMES, C. A. e RONCARATI, C. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, M. C. ; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- GUEDES, E. M. *Curso de Metodologia Científica*. 2ª ed, Curitiba, HD Livros Editora, 2000.
- GUMPERZ, J. J. *Introduction to part IV*, In: GUMPERZ, J. John; LEVINSON, C. Stephen (eds.) 1996. p. 359-373. *Revista Voz das Letras: A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões*, 2008.
- GUY, G. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. Abrial 2001. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. acesso em 15 de maio de 2007.

- GUY, G. R. ; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa - instrumental de análise*. São Paulo: parábola Editorial, 2007.
- HUDSON, R. *Sociolinguistics*. 2a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- KENT, R. ; READ, C. *The Acoustic Analysis of Speech*. San Diego: Singular Publishing Group Inc., 1992.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change* Vol 1: Internal Factors. Vol. 2: Social Factors. Blackwell, Oxford, 1994.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.
- LADEFOGED, P. e MADDIESON, I. *The Sounds of the world's languages*. Blackwell, Cambridge, 1996.
- LADEFOGED, P. *Vowels and Consonants: An Introduction to the Sounds of languages*. Blackwel, Massachusetts.
- LAVIER, J. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LINDAU, M. *The story of /r/*. UCLA Working Papers in Phonetics, 51, 1980.
- MARCOS B. *Preconceito linguístico*. 48 Ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- MEILLET, A. Esquisse d'une histoire de La langue latine. In: BENTES, A. C. ; MUSSALIN, F. *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- MORI, A. C. Fonologia. In: BENTES, A. C. e MUSSALIN, F. *Introdução à linguística: Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MONARETTO, V. N. O. Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado em Letras). PUC/RS.
- MONARETTO, V. N. O. Apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2001.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In: CECILIA, M. e BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PAGOTTO, E. G. *Variação e (') identidade*. Maceió: edUFAL ; EDUFBA, 2004.
- PAIVA, M da C. A. de. Transcrição de dados. In: CECILIA, M. e BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PAIVA, M. C. de e SCHERRE, M. M. P. (1999) *Retrospectiva sociolinguísticos: contribuições do PEUL. D.E. L.T.A.*, 15 Especial: 201-232.
- PICKETT, J. M. (James M.) *The acoustics of speech communication: fundamentals, speech perception theory, and technology*. Allyn & Bacon, 1998.
- QUILIS, A. *Fonética acústica de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.
- REINECKE, K. *Os róticos intervocalico na gramática individual de Falantes de Blumenau e lages*. Tese de Doutorado. 2006, Santa Catarina.
- ROMAINE, S. *What is a speech community?* In: *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold, 1982.

- SANKOFF, David. *Variables Rules*. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIR, Klaus (Eds). *Sociolinguistics*. New York: Academic Press, 1988.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cortez, 1985, (1. ed. 1916).
- SCHERRE, M. M. P. e NARO, A. J. *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul*. In: SCHILLING-ESTES, N. (eds.). 2004 [2002]. p. 573-597.
- SCHERRE, M. M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. e SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões Sociolinguísticos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998a.
- SILVA, A. H. P. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Campinas: UNICAMP, 1996.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercício*. São Paulo: Contexto, 1999.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.
- WEINREICH et al. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1: RODADA DO GOLDVARB

• CELL CREATION • 30/4/2010 15:29:24

NAME OF TOKEN FILE: UNTITLED.TKN
 NAME OF CONDITION FILE: UNTITLED.CND
 (

; IDENTITY RECODE: ALL GROUPS INCLUDED AS IS.

(1)
 (2)
 (3)
 (4)
 (5)
)

NUMBER OF CELLS: 25
 APPLICATION VALUE(S): 2
 TOTAL NO. OF FACTORS: 10

GROUP		NON- APPS	APPS	TOTAL	%	

1 (2)	AMBIENTE LINGUÍSTICO					
C	N	84	1	85	14.3	fricativa
	%	98.8	1.2			
I	N	27	8	35	5.9	coda final
	%	77.1	22.9			
K	N	376	99	475	79.8	oclusiva
	%	79.2	20.8			
TOTAL N		487	108	595		
	%	81.8	18.2			

2 (3)	SEXO					
M	N	217	78	295	49.6	
	%	73.6	26.4			
F	N	270	30	300	50.4	
	%	90.0	10.0			
TOTAL N		487	108	595		
	%	81.8	18.2			

3 (4) ESCOLARIDADE

T N 442 32 474 79.7
% 93.2 6.8

T= escolarizados

Z N 45 76 121 20.3
% 37.2 62.8

Z= não escolarizados

TOTAL N 487 108 595
% 81.8 18.2

4 (5) FAIXA ETÁRIA

4 N 150 16 166 27.9
% 90.4 9.6

faixa etária 2

5 N 60 83 143 24.0
% 42.0 58.0

faixa etária 3

3 N 277 9 286 48.1
% 96.9 3.1

faixa etária 1

TOTAL N 487 108 595
% 81.8 18.2

TOTAL N 487 108 595
% 81.8 18.2

NAME OF NEW CELL FILE: .CEL

• BINOMIAL VARBRUL • 30/4/2010 15:30:10
NAME OF CELL FILE: .CEL

AVERAGING BY WEIGHTING FACTORS.
THRESHOLD, STEP-UP/DOWN: 0.050001

STEPPING UP...

----- LEVEL # 0 -----

RUN # 1, 1 CELLS:
CONVERGENCE AT ITERATION 2
INPUT 0.818
LOG LIKELIHOOD = -281.839

----- LEVEL # 1 -----

RUN # 2, 3 CELLS:
CONVERGENCE AT ITERATION 6

INPUT 0.854
 GROUP # 1 -- C: 0.935, I: 0.365, K: 0.393
 LOG LIKELIHOOD = -267.383 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 3, 2 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 5
 INPUT 0.834
 GROUP # 2 -- M: 0.356, F: 0.641
 LOG LIKELIHOOD = -267.922 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 4, 2 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 5
 INPUT 0.879
 GROUP # 3 -- T: 0.655, Z: 0.075
 LOG LIKELIHOOD = -197.005 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 5, 3 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 6
 INPUT 0.900
 GROUP # 4 -- 4: 0.511, 5: 0.075, 3: 0.774
 LOG LIKELIHOOD = -189.881 SIGNIFICANCE = 0.000

ADD GROUP # 4 WITH FACTORS 453

----- LEVEL # 2 -----

RUN # 6, 9 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.927
 GROUP # 1 -- C: 0.966, I: 0.265, K: 0.372
 GROUP # 4 -- 4: 0.508, 5: 0.061, 3: 0.793
 LOG LIKELIHOOD = -168.106 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 7, 6 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 6
 INPUT 0.906
 GROUP # 2 -- M: 0.381, F: 0.617
 GROUP # 4 -- 4: 0.540, 5: 0.078, 3: 0.758
 LOG LIKELIHOOD = -183.777 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 8, 6 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 8
 INPUT 0.913
 GROUP # 3 -- T: 0.613, Z: 0.142
 GROUP # 4 -- 4: 0.394, 5: 0.150, 3: 0.754
 LOG LIKELIHOOD = -165.110 SIGNIFICANCE = 0.000

ADD GROUP # 3 WITH FACTORS TZ

----- LEVEL # 3 -----

RUN # 9, 14 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.942
 GROUP # 1 -- C: 0.979, I: 0.306, K: 0.348
 GROUP # 3 -- T: 0.627, Z: 0.115
 GROUP # 4 -- 4: 0.387, 5: 0.121, 3: 0.778
 LOG LIKELIHOOD = -141.049 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 10, 11 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.927
 GROUP # 2 -- M: 0.345, F: 0.653
 GROUP # 3 -- T: 0.623, Z: 0.123
 GROUP # 4 -- 4: 0.394, 5: 0.154, 3: 0.751
 LOG LIKELIHOOD = -156.723 SIGNIFICANCE = 0.000

ADD GROUP # 1 WITH FACTORS CIK

----- LEVEL # 4 -----

RUN # 11, 25 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.948
 GROUP # 1 -- C: 0.974, I: 0.350, K: 0.354
 GROUP # 2 -- M: 0.370, F: 0.628
 GROUP # 3 -- T: 0.632, Z: 0.107
 GROUP # 4 -- 4: 0.382, 5: 0.124, 3: 0.778
 LOG LIKELIHOOD = -136.109 SIGNIFICANCE = 0.003

ADD GROUP # 2 WITH FACTORS MF

BEST STEPPING UP RUN: #11

 STEPPING DOWN...

----- LEVEL # 4 -----

RUN # 12, 25 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.948
 GROUP # 1 -- C: 0.974, I: 0.350, K: 0.354
 GROUP # 2 -- M: 0.370, F: 0.628
 GROUP # 3 -- T: 0.632, Z: 0.107
 GROUP # 4 -- 4: 0.382, 5: 0.124, 3: 0.778
 LOG LIKELIHOOD = -136.109

----- LEVEL # 3 -----

RUN # 13, 11 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.927
 GROUP # 2 -- M: 0.345, F: 0.653
 GROUP # 3 -- T: 0.623, Z: 0.123
 GROUP # 4 -- 4: 0.394, 5: 0.154, 3: 0.751
 LOG LIKELIHOOD = -156.723 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 14, 14 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.942
 GROUP # 1 -- C: 0.979, I: 0.306, K: 0.348
 GROUP # 3 -- T: 0.627, Z: 0.115
 GROUP # 4 -- 4: 0.387, 5: 0.121, 3: 0.778
 LOG LIKELIHOOD = -141.049 SIGNIFICANCE = 0.003

RUN # 15, 17 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.930
 GROUP # 1 -- C: 0.963, I: 0.304, K: 0.372
 GROUP # 2 -- M: 0.395, F: 0.603
 GROUP # 4 -- 4: 0.529, 5: 0.065, 3: 0.780
 LOG LIKELIHOOD = -164.112 SIGNIFICANCE = 0.000

RUN # 16, 12 CELLS:
 CONVERGENCE AT ITERATION 7
 INPUT 0.915
 GROUP # 1 -- C: 0.952, I: 0.421, K: 0.375
 GROUP # 2 -- M: 0.362, F: 0.636
 GROUP # 3 -- T: 0.664, Z: 0.064
 LOG LIKELIHOOD = -171.142 SIGNIFICANCE = 0.000

ALL REMAINING GROUPS SIGNIFICANT

GROUPS ELIMINATED WHILE STEPPING DOWN: NONE
 BEST STEPPING UP RUN: #11
 BEST STEPPING DOWN RUN: #12

- CROSS TABULATION • 30/4/2010 15:36:34
- CELL FILE: .CEL
- 30/4/2010 15:29:24
- TOKEN FILE: UNTITLED.TKN
- CONDITIONS: UNTITLED.CND

GROUP #3 -- HORIZONTALLY.
 GROUP #4 -- VERTICALLY.

T %	Z %	Σ %
+-----	+-----	+-----
4 2: 150	93: 0 0	150 90

```

-: 11 7: 5 100| 16 10
Σ: 161 : 5 | 166
+-----+-----+-----
5 2: 38 73: 22 24| 60 42
-: 14 27: 69 76| 83 58
Σ: 52 : 91 | 143
+-----+-----+-----
3 2: 254 97: 23 92| 277 97
-: 7 3: 2 8| 9 3
Σ: 261 : 25 | 286
+-----+-----+-----
Σ 2: 442 93: 45 37| 487 82
-: 32 7: 76 63| 108 18
Σ: 474 : 121 | 595

```

- CROSS TABULATION • 30/4/2010 15:45:43
- CELL FILE: .CEL
- 30/4/2010 15:29:24
- TOKEN FILE: UNTITLED.TKN
- CONDITIONS: UNTITLED.CND

GROUP #2 -- HORIZONTALLY.
 GROUP #3 -- VERTICALLY.

```

      M %   F %   Σ %
+-----+-----+-----
T 2: 196 88: 246 98| 442 93
-: 27 12: 5 2| 32 7
Σ: 223 : 251 | 474
+-----+-----+-----
Z 2: 21 29: 24 49| 45 37
-: 51 71: 25 51| 76 63
Σ: 72 : 49 | 121
+-----+-----+-----
Σ 2: 217 74: 270 90| 487 82
-: 78 26: 30 10| 108 18
Σ: 295 : 300 | 595

```

- CROSS TABULATION • 30/4/2010 15:46:46
- CELL FILE: .CEL
- 30/4/2010 15:29:24
- TOKEN FILE: UNTITLED.TKN
- CONDITIONS: UNTITLED.CND

GROUP #2 -- HORIZONTALLY.
 GROUP #4 -- VERTICALLY.

```

      M %   F %   Σ %
+-----+-----+-----
4 2: 92 92: 58 88| 150 90

```

```

-: 8 8: 8 12| 16 10
Σ: 100 : 66 | 166
+-----+-----+-----
5 2: 27 30: 33 62| 60 42
-: 63 70: 20 38| 83 58
Σ: 90 : 53 | 143
+-----+-----+-----
3 2: 98 93: 179 99| 277 97
-: 7 7: 2 1| 9 3
Σ: 105 : 181 | 286
+-----+-----+-----
Σ 2: 217 74: 270 90| 487 82
-: 78 26: 30 10| 108 18
Σ: 295 : 300 | 595

```

ANEXO 2: ALGUMAS NARRATIVAS

Informante: A. P. S
 Sexo: masculino
 Idade: 52 anos
 não escolarizado

Pesquisadora: O senhor poderia contar um pouco de sua experiência de vida?

Informante: Pronto agora né? Rapaz a minha vida contá um pouquinho dela naquele tempo ah é a vinte anos atrás né? Eu vivi um poco mei impresado... impresado digamos assim... passano nicissidade porque trabalho num tinha ...depois eu comecei a a trabalhá cambitá coco... daí cambitei uns dia não deu [ce:tu] deixei... fui trabalhá de sevente mais o seu tio é quer dizê era cunhado já já tava namorando com a zeza... daí comecei tá tá... e eu sei que chegô o ponto de a gente se casá... aí se casemo e aí vei família... é vei uma foi a samaria depois você que é a jeylla e aí passei um tempo meio [ape:gado] o que eu fazia? Vinha do serviço com o Zezinho e já pidia o dinheiro pra comprá cumida pra cume porque a nicissidade era grande que eu passei e depoi eu miorei um poço meus pai tobem passava fome e depoi com continuação chegô mais um poço mais em cima... fico milho de vida... tem vei que a zeza dizia não tonho mai num tem cumida pras minina eu digo não... vou comprá fiado... aí eu ia pra casa do pai e falava o leite fiado... ele vendia... agora condo eu ia pagá... ele dizia não meu filho dexe pra lá... isso aí é coisa que eu to dando as minha neta... e com continuação e foi foi depoi chego o ponto de desaparecê primero minha mãe... sofri um bucadu... nova cinqüenta e poços anos... depois meu pai e depoi vei as tia... irmã... e aí a rente fico... eu fiquei sem nada... esse povo aí fico só meus irmão... mais como meus irmão viu qui foi tempo qui eu adoeci... prantu... aí cada cá nas suas casa... não era mais aproximado tem vei que não tem tempo de vim né? Tem gente qui tem aquela dificuldade qui diz a mim não não pudi vim qui to trabalhando... não sei o que mais antes eu num [pe:dia] um dia de seviço mais como eu adueci to desse jeito... hoje vivo o que? Tem hora que eu passo... num to passando o tempo todinho aí? Esse tempo todinho tem que trabalhá é o caso dele... ele di qui não tem tempo de vim sempre aqui me visitá ... também num vô dizê que ele ta errado não... ele ta [ce:tu]... que cada cá dá o que tem... se ele vinher pero meno assim... vô lá onde ta o meu irmão... eu num quero que ninguém traga nada pra mim... nem que ele trouxesse antes [po:que] antes quando eu adueci ... tinha precisão como todos nós tem precisão... ele vive lá e eu vivo cá... se ele chegá assim... não eu não tenho nada como eu disse a ele... não carece que você traga nada pra mim... só a boa cunvessa... isso aí distrai muito a pessoa... se o cara ta triste... o cara chega cunversá... quem é que não gosta?... todo mundo gosta... o caba fica animado mesmo que seja

uma mentira... aconteceu isso e aquilo... outro... e o caba vai se animando eles hoje vem como bem quer... tobém eu não vou afossá ninguém... cada cá na sua casa e eu vivo aqui na casa da minha sogra esses ano todinho... outra... aí o caba di... porque você vive na casa da sua sogra? Eu vivo na casa da minha sogra porque nem você sabe contá isso direito... eu vou contá a você foi as história... Luiza... viajo... Luiza foi pra Maceió... Dalva foi pra Maceió... [beṭu] vivia lá... Zezinho sempre vivia trabalhando e eu meu seviço era mais poço... que foi que a Luiza mais a Dalva falô? Oi tonho... deixe a sua casa... alugue sua casa e vá pra dentro da casa da mãe... poque sempre tem uns pobremazinha que o velho dizia... inda mato fulano... inda dô uns impurrão... num sei o que... intão pô causo disso eu vim embora... até hoje eu tô aqui... já tem mais de trinta ano que eu vivo aqui na casa de dona Mara... pô causo disso... mais eu tinha minha casa pra ficá... tinha não... tenho ainda... vivo aqui porque esse causo que aconteceu... tem gente que di... não ... mais você tem sua casa... tenho... graça a deus e dessa casa que eu sempre ajudo... eu não ajudo todo mundo poque também num posso... que tobém eles já me ajudaro... todos já me ajudaro e ajuda... e eu sei... sempre vivo nessa vida que to.

informante: R. S. L
sexo: masculino
idade: 25 anos
escolarizado

Pesquisadora: fale um pouco sobre a vida, o que você acha dela?

Em alguns momentos... eu associo a vida com a idéia em que a gente vive... eu faço uma comparação da minha vida com a vida de outras pessoas e muitas vezes eu tenho uma conclusão lógica... por mais que a gente se preocupe... o mundo continua girando... por mais que a gente pense... a vida não vai deixar de passar... e... fica difícil fazer uma assimilação dos meus problemas com os problemas dos outros... quantas pessoas passam por situações que não conseguem resolver com facilidade...por outro lado...passam por problemas bem maiores e resolvem de forma tão simples... se o ser humano parar pra analisar o que vem a ser dificuldade...comparando a dele com a de outras pessoas... em alguns momentos vai perceber que não é tão fácil... e ao mesmo tempo não é tão difícil... vai depender da sorte que cada um tem pra encarar os fatos... eu associo tudo isso... tirando minha própria conclusão... baseado em fatos que eu leio... que eu escuto de outras pessoas... eu começo a assimilar... histórias verídicas... histórias contadas... histórias escritas... e ... por mais que a gente tenha idéias de muitas e muitas pessoas... a nossa é que vai prevalecer... o que eu penso... o que eu faço... o que

eu sinto... jamais vai ser igual o que outra pessoa faz... se sente no mesmo em que eu estou fazendo duas vezes...se acontecer um momento... as pessoas vão poder prevalecer naquele momento em que tudo vai tá dando certo...se não dá... por menor que seja o tempo... a pessoas vai tentar dissimular... eu vejo tudo isso... dessa forma volta... vida... sentimento e razão... uma associação única em que as pessoas procurem a melhor forma o seu modo de viver.